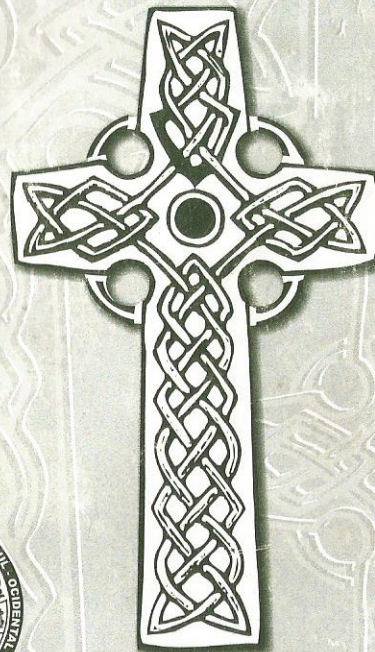


# O JEITO DE SER ANGLICANO



Igreja Episcopal  
Anglicana do Brasil  
Diocese Sul-Occidental  
SANTA MARIA - RS



*John Baycroft*

**O JEITO DE SER ANGLICANO**

*por John Baycroft*



*Tradução de Ruth S. F. de Barros*

*3ª Impressão*

John Baycroft foi ordenado ao presbiterado em 1956 e desde então trabalhou nas dioceses de Ontário e Ottawa. Foi bispo da Diocese de Ottawa e membro da ARCIC II. Manteve uma coluna no *Ottawa Journal* e lecionou na Universidade de Carleton, onde serviu também como capelão. Escreveu também dois outros livros da mesma série: *O Modo de Fazer Oração* e *O Modo da Eucaristia*, ambos publicados pelo Centro Anglicano do Livro, em Toronto, Canadá. Hoje, aposentado depois de dirigir o "Centro Anglicano" em Roma, ocupa a função de sub-secretário de Ecumenismo no Conselho da Comunhão Anglicana (2002).

**Traduzido do original *The Anglican Way*, ©1980 por John Baycroft; publicado pelo Anglican Book Centre, 600 Jarvis Street, Toronto, Canada M4Y 2J6; re-impreso com permissão concedida à Diocese Sul-Occidental da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil; tradução autorizada em 05.10.1999.**

*Direitos da tradução em português reservados à Igreja Episcopal Anglicana do Brasil - Diocese Sul-Occidental, Caixa Postal 98, Santa Maria, RS, Brasil 97001-970 - ieabdo@via-rs.net*

Com este livro, o CETESMA (Centro de Estudos Teológicos Santa Maria) visa apresentar e reforçar a identidade anglicana. Agradecemos o apoio dado pela *Church Missions Publishing Company* para esta publicação.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida por nenhuma forma ou meio, quer eletrônico ou mecânico, incluindo fotografias, gravações ou qualquer outro sistema informativo de armazenamento ou restauração, sem a expressa permissão da publicadora.

Capa e Editoração: André Machado Fortes

Publicado com permissão. Maio - 2003 - 3ª impressão, em maio de 2009

*"Dizendo sim ao chamado de Deus!"*

*"Preparando-nos para redescobrirmos nossa identidade a fim de poder expressá-la na terra brasileira - uma contribuição da Diocese Anglicana de Santa Maria - Brasil Sul-Occidental"*

## Sumário

Prefácio da versão brasileira .....	05
Introdução do autor à edição brasileira .....	07
Introdução .....	09
A Bíblia .....	14
Oração .....	19
Os Sacramentos .....	25
Batismo .....	26
Santa Eucaristia .....	28
Confirmação .....	30
Penitência .....	31
Santo Matrimônio .....	32
Santa Unção .....	33
Ordens Sagradas .....	33
Deus .....	35
A Igreja .....	43
Salvação .....	48
História e Estrutura .....	52
Autoridade .....	62
Passos Básicos .....	67
Leituras Sugeridas .....	69

---

## *Prefácio da versão brasileira*

Ao celebrar 50 anos de vida como parcela da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, a Diocese Sul-Occidental vem procurando ajudar na *construção de uma identidade anglicana brasileira*. Isso não é nenhum paradoxo, ainda que as palavras **anglicana** e **brasileira** possam dar a entender tal contradição. A expressão “anglicana” há muito já deixou de significar “inglês” no sentido de mera nacionalidade. Por outro lado, é da nossa tradição e do nosso “jeito de ser cristão” a contextualização da nossa experiência, mas sem perder o essencial, que constitui nosso perfil e nossa característica. “Unidade na diversidade” é um conceito que envolve muito equilíbrio e aguda consciência da nossa vocação, a fim de que possamos contribuir de maneira expressiva e coerente para a implantação histórica da Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica de Cristo.

Que a leitura deste pequeno livro possa servir ao nosso povo na compreensão da fé que professamos como anglicanos. E manifestamos com alegria a nossa gratidão pela tradução de Ruth Barros, que sempre está disposta a estar conosco nessa diaconia.

+ Jubal Neves, Santa Maria

---

---

## *Introdução do autor à edição brasileira*

Há alguns anos escrevi este pequeno livro sobre o “Jeito Anglicano”, ou “Caminho Anglicano”. Ele foi amplamente lido no Canadá e em algumas outras partes do mundo onde a língua inglesa é utilizada. Foi traduzido para o francês, e partes dele estão disponíveis em chinês. O livro busca apresentar o Anglicanismo básico que se encontra hoje em mais de 160 países do mundo. Nós, anglicanos, acreditamos que a liberdade é o coração do Evangelho, de modo que não nos surpreendemos com a variedade de expressões do Anglicanismo que auxiliam a Igreja na adoração e no testemunho, de modo autêntico, em diferentes países. Entretanto, partilhamos um núcleo (um “fio condutor”) da fé e prática comuns. Este livro é, pois, a respeito daquilo que, como anglicanos, temos em comum em todo o mundo.

Os anglicanos não reivindicam que sua maneira de ser e seus caminhos sejam os únicos para encontrar o Pai através de Jesus Cristo. Nosso caminho não é o único caminho em que o Espírito Santo fortalece o povo de Deus para manifestar o amor de Deus que traz a salvação para pessoas perdidas em meio a um mundo dividido. Mas o Caminho Anglicano (o “Jeito Anglicano”) é um bom caminho para seguir Jesus, e cremos que Deus abençoa aqueles(as) que decidem tomá-lo.

---

Eu amo e admiro a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil. Sinto-me honrado que membros dessa Igreja, da Diocese Sul-Occidental (Santa Maria, RS) tenham traduzido minhas palavras para o português. Eu rezo que este oferecimento possa ajudá-lo, querido(a) leitor(a), a chegar mais perto de Deus e a aprofundar sua fé e sua compreensão.

Em Cristo,

+ **John Baycroft**

Londres, 25 de abril de 2003AD.

## Introdução

Este pequeno manual introdutório sobre como ser membro da Igreja Episcopal Anglicana é dedicado aos curiosos, aos iniciantes e aos candidatos à Confirmação. Ele é como uma simples receita no verso de uma caixa de massas prontas para fazer bolo. Seguindo as informações da receita, você fará o bolo. Talvez você não se transforme logo em um renomado *gourmet*, mas será um padeiro com boa iniciação no ofício. Neste livro quero destacar a receita básica e os passos que devem ser seguidos para se ter um bom começo na Igreja. Talvez você não venha a ser um grande teólogo ou um mestre na vida espiritual, quando terminar de ler o livro, mas certamente encontrará aqui o suficiente para se preparar como um verdadeiro discípulo e para se motivar como membro ativo da Igreja, até sua experiência religiosa se expandir e se aprofundar tanto que não precise mais de uma introdução como esta.

Este livro não é um panfleto infantil que abrange assuntos que depois se tornam insignificantes ou ficam esquecidos. Todos os cristãos, por diferentes maneiras, precisam conhecer a dupla atração que Deus e a Igreja exercem. E tanto santos, bispos e guardiões quanto membros iniciantes precisam viver o Cristianismo básico do triplice caminho: a Bíblia, a Oração e os Sacramentos. Vou tentar ser simples e direto, sem simplificar ou banalizar demais a fé.

As pessoas que se interessam pela Igreja podem se sentir atraídas de duas maneiras bem diferentes. Algumas pessoas vão à Igreja porque se sentem atraídas por Deus. Outras gostam da

vida em comunidade que existe na Igreja. Seja qual for o caminho que nos leva à Igreja, logo aprendemos que existem outros aspectos da vida da Igreja que são também importantes.

A melhor coisa que a Igreja tem a oferecer é Deus mesmo. Numa época em que a humanidade não sabe muito bem para onde vai, e se sente impotente diante das crises assustadoras, e indefesa em face das ameaças de incríveis desastres, a idéia de Deus se torna muito atraente. Durante a década de 80, houve um grande aumento no número de pessoas buscando aquela realidade que aponta para além dos horizontes deste mundo. Essas pessoas querem respostas às perguntas fundamentais da vida. Há uma dimensão espiritual na vida humana? Que existe de verdade sobre o amor, sobre a morte e sobre os milagres? Vivemos estas realidades e ficamos até fascinados ou obcecados por elas, mas não conseguimos explicar a profundidade da nossa própria experiência humana em termos meramente humanos. Em meio a esse tumulto, desejamos a união com Aquele centro firme e seguro que sustenta tudo o que existe. Podemos chamar isso de "a busca pela transcendência", ou simplesmente admitir que precisamos de Deus.

A Igreja pode ajudar as pessoas que sentem essa carência de Deus ou que estão engajadas nessa busca pela transcendência. A Igreja não tem a pretensão de saber tudo sobre Deus, nem tem respostas para todas as perguntas humanas. Mas ela pode nos falar sobre o Criador que nos ama. A Igreja pode testemunhar a Deus que vem ao nosso encontro em Jesus Cristo. Ela pode nos ensinar como podemos estar unidos com Deus em Cristo. A Igreja pode nos mostrar como o Espírito de Deus se move no mundo e nos ajudar a sentir o mesmo Espírito Santo agindo em nossas vidas.

Deus não é um produto comercializado pela Igreja. Ao contrário, Deus toma a iniciativa e estende a sua mão àqueles

que estão no seu mundo. A Igreja vem experimentando essa ação e esse amor de Deus durante muitos séculos. Deus age na Igreja e por meio dela. A Igreja, como agente de Deus, pode nos ajudar a entender e sentir a sua ação em nossas vidas. Se você quer aprender sobre Deus, a Igreja é o lugar onde você pode conhecê-lo melhor.

Para algumas pessoas a idéia de Deus não é tão atraente quanto o envolvimento de outras pessoas. Muitas pessoas têm até vergonha daquilo que consideram abstrato, arcaico ou incompreensível a respeito de Deus. O acesso a Deus não é uma questão tão urgente para elas do que pertencer à comunidade da Igreja, que as cativa muito mais. A comunidade que desperta esse interesse pode ser uma paróquia, onde há abertura às pessoas e à verdade, ao amor e à preocupação de uns para com os outros, onde há aceitação das pessoas que falharam, sensibilidade com aquelas que estão machucadas, e onde há o compromisso de superar ou, pelo menos, aliviar o sofrimento da humanidade no mundo. A Igreja é uma comunidade onde as pessoas podem se envolver em ações sociais e de serviço. Na Igreja encontramos muitas oportunidades de engajamento na luta pela paz, pela justiça, pelos direitos humanos - atender às necessidades humanas e melhorar as condições de vida - sem se deixar obcecar pelos problemas, nem se sentir oprimido pelo dilemas humanos.

A Igreja é uma comunidade singular, onde a admiração, o mistério, a beleza, a quietude, a alegria, o amor, o sofrimento, a bondade, o pecado, a santidade e todos os outros valores e experiências humanas são levados a sério. A Igreja é uma comunidade que se espalha pelo mundo inteiro. Um membro da Igreja tem irmãos e irmãs que oferecem acolhida e amor, mesmo que as barreiras econômicas e culturais pareçam insuperáveis. A Igreja se espalha não só em termos de espaço, mas também em termos de tempo. Podemos pertencer a uma comu-

nidade com quase 2000 anos de história e um futuro que é limitado apenas pelo fim dos tempos. Mesmo assim, a sensação de pertencer à “Igreja triunfante” é eterna. Esse sentido de permanência proporciona à vida da Igreja uma confiança e uma segurança, que não devem ser confundidas com complacência. A Igreja não é um clube social, mas é bom fazer parte dela.

Mesmo que um novo membro seja atraído pela melhor coisa que a Igreja tem para oferecer, que é Deus, ou por uma das melhores coisas que Deus tem para oferecer, que é a comunidade da Igreja, ainda assim é fácil alguém se sentir constrangido em virtude da linguagem e dos costumes estranhos. Vou tentar apresentar algumas razões pelas quais falamos e agimos como membros da Igreja.

A perspectiva deste livro é anglicana e canadense. Entretanto, os anglicanos constituem apenas uma parte da comunidade cristã mais ampla da Igreja, uma, santa, católica e apostólica. Podemos garantir com segurança a validade do jeito de ser anglicano, sem fazer alegações pretensivas ou exclusivas.

Além do Cristianismo, estamos abertos para trocar idéias e experiências com pessoas de outras confissões e crenças religiosas e com outras visões sobre o mundo. Somos sensíveis àquilo que consideramos ser o trabalho do Espírito Santo entre elas. A Igreja Anglicana procura ser uma igreja de diálogo, em busca da unidade de todos os cristãos e da própria humanidade. Ao reconhecer isso, reivindicamos também a liberdade, o direito e principalmente a obrigação de nos oferecermos para compartilhar a nossa experiência da ação de Deus naquilo que chamamos de Comunhão Anglicana, de tradição anglicana ou “o jeito de ser anglicano”.

A Comunhão Anglicana é uma família de igrejas autônomas, inter-relacionadas e interdependentes, todas em comunhão com o Arcebispo de Cantuária. Os anglicanos falam mui-

tas línguas, vêm de diferentes raças e culturas e estão espalhados pelo mundo inteiro. Nenhum livro poderia descrever a grande diversidade existente na experiência anglicana. Nós simplesmente reconhecemos essa variedade e complexidade e celebramos a riqueza da Comunhão Anglicana.<sup>1</sup>

A coisa mais importante para compreender a família da Igreja e como ser membro dela é descobrir como Deus se oferece a nós por meio de sua Igreja. A Igreja busca a sua força e nutre os seus membros por meio de três fontes: a Bíblia, a Oração e os Sacramentos. Precisamos compreender como usar essas fontes corretamente.

Embora a Igreja Anglicana esteja fundamentada solidamente na Bíblia, o Livro de Oração Comum se tornou indispensável para o Anglicanismo. A Igreja Anglicana é uma igreja sacramental, que afirma que Deus age em nossas vidas por meio dos sacramentos administrados por sua Igreja. Assim, o jeito de ser anglicano tem três ênfases. Para um Cristianismo equilibrado, são essenciais a Bíblia, a Oração e os Sacramentos. Ignorar um desses aspectos é como sentar num banco com apenas três pernas, faltando uma. Ao sentar, podemos perder o equilíbrio.

+ John Baycroft, autor

## A Bíblia

A vida da Igreja busca sua força na Bíblia, na Oração e nos Sacramentos. Todo o iniciante precisa aprender a se encontrar com Deus por meio dessas três formas, porque Deus nos estende a sua mão nessas fontes de água viva. A água viva é Jesus Cristo. Ele é o próprio Deus que se entrega a nós. Uma vida cristã sólida e uma comunidade cristã saudável sempre estarão baseadas nesses três dons de Deus, que são os instrumentos dessa auto entrega.

Em primeiro lugar, voltemos nossa atenção para a Bíblia. Uma pessoa que por curiosidade visitasse uma paróquia anglicana descobriria logo que a Bíblia tem grande importância. Nós a lemos em voz alta sempre que nos reunimos para louvar a Deus. Isso nos faz lembrar que o estudo da Bíblia é mais do que uma simples atividade particular. A nossa atitude é muito importante, quando tentamos ouvir a Deus falando conosco. Escutar uma leitura bíblica na congregação reunida enfatiza que essa ação é uma ação comunitária. A Bíblia pertence à comunidade e para o benefício dela. Uma atitude individualista não nos leva muito longe no Cristianismo. Precisamos da Igreja para nos ajudar a escutar a Palavra de Deus. A Bíblia é explicada e interpretada pelos pregadores e professores, sendo muitas vezes citada nas discussões da Igreja para dar autoridade às decisões ou para justificar determinados procedimentos. Pequenos grupos de cristãos se reúnem com frequência para estudar a Bíblia em conjunto. A mensagem da Bíblia penetra em nossa vida comunitária.

Todo o cristão é incentivado a ler pessoalmente a Bíblia com regularidade e também a ouvir a sua leitura nas celebrações públicas. Um dos passos mais importantes que um iniciante

deve seguir é se tornar assíduo leitor e estudioso da Bíblia. O estudo da Bíblia não é difícil. Entretanto, infelizmente, alguns iniciantes resolvem começar seu estudo no início da Bíblia, mas logo perdem o interesse. Depois do primeiro choque cultural provocado pelos extraordinários mitos da criação, pelas maravilhosas sagas dos patriarcas e pelas dramáticas histórias de Êxodo, o leitor pode se perder na "selva" dos livros de Levítico e de Números. Os mais decididos podem perseverar e encontrar o caminho e finalmente chegar até o Apocalipse, que está no final do Novo Testamento. Mas eu acho que é melhor para a maioria ler de maneira seletiva.

Para começar, sugiro que você leia um dos evangelhos. Não importa qual você resolveu escolher. Eventualmente, lerá todos os quatro mais de uma vez. Se começar com Mateus, receberá logo de presente o Sermão da Montanha. Lucas conta umas das melhores parábolas de Jesus. João é repleto de reflexões profundas numa linguagem simples. Marcos é o mais curto e é bem direto. Um bom método é ler uma pequena passagem cada dia e refletir sobre ela. Também ajuda se o iniciante ler rápido um evangelho inteiro para sentir todo o impacto da história.

Depois sugiro que leia um ou dois salmos por dia. Se o primeiro não lhe disser nada, então leia outro. Raramente precisamos ler um terceiro salmo para que as palavras estimulem nossa imaginação e pensamentos. Os salmos também nos ajudam a falar com Deus. Continue lendo os Atos dos Apóstolos, para sentir o ambiente da Igreja primitiva. Depois leia Amós e veja como as reflexões religiosas do profeta do século VIII antes de Cristo ainda podem ser atuais. Agora estará pronto para ler a carta de Paulo aos Gálatas. Você chegou ao ponto de fazer sua própria seleção. Nessa altura talvez você já tenha assistido a algum estudo bíblico na sua paróquia.

Se você não tem uma Bíblia de fácil leitura, experimente algumas traduções. A minha tradução preferida é a Versão Revisada, porque ela conserva a bela linguagem da Versão do Rei Tiago (King James Version), baseada num texto melhor que foi traduzido de maneira mais fiel. É a Bíblia mais indicada para o estudante que não lê hebraico ou grego. A Bíblia de Jerusalém e a Edição Pastoral também são excelentes. A Bíblia na Linguagem de Hoje é muito clara e de fácil leitura e seu preço é bem razoável. Se você tiver mais de uma tradução, então poderá comparar aquelas passagens mais complicadas que dificultam sua compreensão.

Antes de comprar um comentário bíblico ou uma introdução à Bíblia, converse com o seu pároco, ou peça alguns emprestados na biblioteca. Há milhares de livros sobre a Bíblia, mas nem todos são indicados. As introduções à Bíblia, às vezes, podem nos embarçar, porque abordam o assunto de maneira muito complexa. Antes de mais nada, precisamos de bom senso e estar dispostos para sermos surpreendidos. Se achamos que aquilo que está escrito é muito diferente daquilo que a Igreja ensina, precisamos tomar muito cuidado e nos aprofundar mais. E se for necessário, devemos procurar ajuda de profissionais. Assim podemos ler a Bíblia com segurança e tirar maior proveito dela.

A palavra *evangelho* quer dizer boas notícias. Quando você lê um dos evangelhos, que estão no início do Novo Testamento, você ouvirá a boa nova sobre Jesus Cristo. O resto do Novo Testamento ajudará a entender como os primeiros cristãos ouviram essa boa nova, o que fizeram com ela, como ela mudou suas crenças, suas esperanças, suas vidas, e como a Igreja começou. Mesmo quando não é mencionado, a figura chave em qualquer página é Jesus Cristo, que é a Palavra Viva de Deus para nós. É por meio de Jesus Cristo que Deus nos alcança e se oferece a nós.

O Antigo Testamento é a Bíblia hebraica que Jesus conhecia e amava. Deus entrou na vida humana (encarnou-se) em um lugar, tempo, povo e pessoa específicos. Não podemos entender a Cristo separado das Escrituras, que formaram o seu pensamento enquanto crescia, e forneceram a base do seu ensino quando adulto. Lendo o Antigo Testamento do ponto de vista cristão, vemos o desenvolvimento do drama da ação e revelação de Deus na história humana, por meio da experiência e do discernimento de um povo específico (os hebreus), em benefício de toda a humanidade. A culminação dessa história é o Novo Testamento.

Além do Antigo e Novo Testamentos, a Bíblia inclui alguns livros chamados deuteroacanônicos. Por causa de dúvidas sobre a sua autoridade, esses livros não são usados para estabelecer qualquer doutrina da Igreja. São leituras interessantes, cheias de histórias que emocionam e fascinam e de sábios pensamentos.

Quando você ler a Bíblia, use também o seu cérebro. Não há nenhuma reverência ao se recusar a exercitar sua capacidade crítica. Se você estiver atento à leitura, perceberá com facilidade que algumas passagens são poesia e outras prosa. Mitos, lendas antigas, história oral, registros de testemunhos de acontecimentos reais, regras e rituais, leis morais, histórias criativas, sonhos, visões, ensinamentos relatados, comentários editoriais - tudo pode ser encontrado nas páginas da Bíblia. Deus pode falar e fala sua Palavra para nós por meio desses diferentes tipos de escritos. Seria desnecessário e difícil para nós ouvir o que Deus está dizendo, se pretendêssemos que todas as passagens da Bíblia deviam possuir a mesma importância, e se atribuísssemos a elas uma interpretação limitada, rígida e literal.

Talvez seja melhor usar o plural *Escrituras* para a Bíblia, que vem duma palavra grega que quer dizer "livros". A Bíblia

não é um livro só, mas uma coleção de livros. Muitos deles são também compilações de material mais antigo. Tudo levou mais ou menos mil anos para ser escrito e organizado. Podemos considerar a Bíblia como um livro só, porque nela vemos a ação de Deus unindo os vários elementos. Três boas perguntas devem ser feitas, quando estudamos a Bíblia:

1. Qual foi o verdadeiro sentido dessa passagem para os leitores originais e por que ela foi escrita?
2. Como podemos interpretar essas palavras em nosso tempo?
3. E, principalmente, como isso se aplica à minha vida e o que eu posso fazer a esse respeito?

Talvez você não escute nenhuma voz ao seu ouvido. Mas enquanto as Escrituras estiverem influenciando e fazendo parte de seus pensamentos, Deus estará falando com você e você estará ouvindo a sua Palavra. Os cristãos que estudam a Bíblia em particular e a ouvem na comunidade, ou vivem e ensinam o evangelho no mundo, continuam sentindo e transmitindo a Palavra de Deus em nossos dias.

A Bíblia é, portanto, o alicerce do triplo caminho. Aqui Deus nos encontra e fala conosco por meio de Jesus Cristo. Há outras duas fontes da mesma água viva. Cada uma fornece as oportunidades para o encontro do humano com o divino. Para os cristãos, nem a oração e nem os sacramentos existem separados da Bíblia. A Bíblia seria apenas uma coleção de livros antigos, se não a recebêssemos no contexto da Oração e dos Sacramentos.

## Oração

A **oração** é uma conversa com Deus. Quando oramos, estamos realizando a nossa relação com Deus. Mesmo que a oração use palavras, ela é muito mais do que simples palavras. Ela inclui silêncio, sentimento e imaginação. As palavras são instrumentos que ajudam nossa comunicação com Deus. Devemos economizar e escolher as palavras com cuidado, para não ficar tanto tempo falando, a ponto de esquecer de escutar o que Deus quer nos dizer. O mais importante na oração é simplesmente estar na presença do divino.

A oração é uma atividade conjunta da comunidade cristã. Quando a comunidade se reúne, nossa oração é chamada de oração pública ou “comum”. Como o cristão é sempre um membro da comunidade da Igreja, mesmo quando está sozinho, ele pode continuar sua experiência cristã em particular. Na oração particular, nunca esqueçamos o resto da comunidade, porque sempre somos apoiados pelas orações de toda a Igreja.

Há cinco elementos na oração cristã: adoração, penitência, petição, ação de graças e dedicação. Na *adoração* permitimos que nossa mente e coração se fartem com as maravilhas do amor de Deus, que criou o universo e nos ama em particular. Na *penitência* confessamos nossas falhas, nossos fracassos, nossos pecados e fraquezas, pedindo e recebendo o perdão de Deus. A *petição* inclui tanto as preocupações que compartilhamos com Deus quanto as nossas intercessões, nas quais incluímos também outras pessoas e suas necessidades diante de Deus. Um diálogo formado apenas por pedidos seria uma forma muito

pobre de se relacionar com Deus. Assim, a *ação de graças* também é importante. Quando, em oração, vislumbramos a grandeza de Deus (adoração), quando somos levados ao arrependimento, à confissão de pecados e ao perdão (penitência), quando somos honestos a respeito de nossos desejos, preocupações e ansiedades (petição) e rendemos graças por todas as bênçãos recebidas (ação de graças), somos então levados à *dedicação*. Esta parte final da oração é o compromisso, a fé ou a confiança que nos leva a dedicar nossas vidas a Deus e a tomar decisões especiais a respeito do que vamos fazer, dizer e crer como resultado da nossa oração.

Quando freqüentamos os ofícios da Igreja, participamos da oração pública ou comum. Por isso, o Livro de Oração é chamado *Livro de Oração Comum*. É mais fácil compreender o jeito de ser anglicano se você identificar os elementos da oração nos ofícios dos quais você participa. Poderá perceber uma combinação inteligente de todos os elementos essenciais. A adoração, a penitência, a petição, a intercessão, a ação de graças e a dedicação estão todas reunidas numa harmoniosa estrutura.

Em suas orações particulares, você pode juntar os elementos e misturá-los como quiser. Muitas pessoas tiram grande proveito de orações formais, extraídas tanto do Livro de Oração Comum quanto de outros livros devocionais. Uma boa idéia é ter sua própria coleção de orações em um caderno. Outras pessoas preferem confiar em orações memorizadas ou em orações espontâneas, usando suas próprias palavras, quando necessário. Talvez a melhor maneira seja usar todas essas fontes.

O jeito anglicano de ser incentiva a oração particular regular para todos, mas nos deixa livres para definir nosso próprio padrão e tempo de oração. Deveríamos dizer, pelo menos, um rápido 'Bom dia, Deus' todas as manhãs e lembrar que Ele estará conosco no decorrer do dia. À noite, deveríamos, pelo menos brevemente, nos colocar sob o cuidado

de Deus. Seja pela manhã ou no final do dia, ou em qualquer outro momento conveniente, deveríamos planejar um período mais longo para a oração. Isso daria o início para um momento diário de quietude, que poderia ser combinado com a leitura da Bíblia.

Sua oração diária, sistemática e continuada pode ser organizada do seguinte modo: escolha um momento e um lugar onde você possa ficar sem ser perturbado durante 15 minutos (talvez 5 minutos sejam suficientes no início). Não importa se você estiver sentado, ajoelhado, de pé ou caminhando, desde que esteja em posição confortável e consiga se concentrar. Pode experimentar posturas diferentes. Feche os olhos e imagine um cenário que lhe provoque admiração. Uma noite clara e estrelada, o mar, as montanhas, a floresta, a luz do sol refletida na superfície de um lago – todas essas imagens se concentram na mente e enchem a alma com aquele sentido do maravilhoso, da beleza e da majestade de Deus. Imaginar uma cena dos evangelhos ou contemplar uma cruz, estátua ou pintura religiosa também pode ajudar.

Conheci um presbítero que construiu uma capela muito bonita em sua imaginação. Ele conhecia todos os detalhes de sua aparência e como se sentia dentro dela. Quando queria orar, simplesmente fechava os olhos e se imaginava abrindo a porta da capela, entrando e se ajoelhando. À medida que se ajoelhava, sua mente também se aquietava e ele entrava logo em oração. Outra maneira eficaz de obter quietude interior, após termos reservado oportunidade para quietude exterior, é lembrar de algumas estrofes de alguma música bonita, mas não necessariamente música de igreja. Eu gosto de me imaginar caminhando na praia, onde o mar e a terra se encontram. De uma maneira ou outra, permita-se um momento de quietude.

No silêncio, pense na majestade e no amor de Deus.

Um dia você pode se concentrar na beleza da criação; em outra ocasião você pode pensar no amor abnegado demonstrado no sofrimento de Jesus. Você pode também refletir sobre o mistério da presença do Espírito divino nas profundezas do nosso ser. Não exagere com essa adoração. É suficiente usar alguns momentos para que sua consciência flutue pelo emocionante, ainda que estranhamente tranqüilo mistério de Deus. A simples idéia de que o Criador de tudo o que existe tem um interesse pessoal por você já é motivo suficiente para despertar a admiração, que é o princípio da adoração.

Depois de tentar focalizar sua mente em Deus e em sua bondade, o passo seguinte da oração é deixar que sua atenção volte para si mesmo. Quando estamos conscientes da glória e perfeição de Deus, quando olhamos o perfeito exemplo humano de Jesus, e quando pensamos na oportunidade que nos é dada pelo Espírito Santo, é claro que percebemos quão distantes estamos dos padrões de Deus. Sentimos então que não somos nem o que podemos ser, nem o que devemos ser. Saber que estamos conversando com Deus, para quem não existem segredos, nos ajuda a sermos honestos conosco e com as coisas que nos dizem respeito. Ser honesto não quer dizer mergulhar em nossas culpas. Não temos nenhuma necessidade de aprender a ter orgulho de nossa condição de pecadores. Lidar com nossos pecados na oração é como colocar o lixo fora: é necessário mas secundário em relação à atividade principal, que é a comunhão com Deus. Fazer um auto exame pode ajudar, pois evita que você fique muito obcecado por uma lista de pecados para fiscalizar.

Experimente o seguinte exercício: leia 1 Coríntios 13, no Novo Testamento. Depois, releia a descrição sobre o amor, do versículo 4 ao início do versículo 8. Depois leia a passagem novamente, substituindo a palavra *amor* pela palavra *Jesus*. Finalmente, releia o texto substituindo a palavra *amor* pelas palavras '*Será que eu*' e '*Será que sou*'. Existem muitas outras téc-

nicas de auto avaliação. O objetivo do exercício é enfrentar e confessar a verdade sobre nós mesmos, para que possamos nos libertar de nossas falhas, de nossos erros, e do mal de nosso passado por meio do amor e do perdão de Deus. Assim, com a mente voltada na direção certa, podemos novamente tentar viver uma vida nova e parecida com a vida de Jesus, com a ajuda de Deus. Com o pecado fora do caminho, o maior obstáculo em nossa comunhão com Deus está removido.

Em seguida, você deve pedir a Deus aquilo que você considera apropriado. Isso inclui petições em nosso próprio benefício e intercessões em benefício dos outros. Algumas pessoas fazem uma lista de orações para distribuir as intercessões ao longo da semana. Sinta-se à vontade para contar a Deus alguma necessidade ou preocupação específica. Se é importante para você, então deve fazer parte da sua conversa com Deus. Ele nunca está ocupado demais. Deus não é como aquele atarefado caixa de banco, que não consegue conversar por causa da grande fila de clientes impacientes atrás de você. Ele é infinito e cheio de amor. É claro que você pode hesitar um pouco na hora de pedir algo que você sabe no seu coração que está errado. Mesmo assim, você deve falar com Deus sobre isso. Se você ainda não sabe, logo descobrirá que a oração não é mágica. Não existe uma fórmula para manipularmos o poder de Deus. Mesmo assim, incontáveis gerações de cristãos através dos tempos testemunharam que Deus tem ouvido e respondido às suas orações, nem sempre como desejavam ou esperavam, mas sempre da melhor maneira.

A oração é muito mais do que um exercício de saúde mental, mas boa parte dela é uma ótima terapia. Quando contamos as nossas bênçãos e agradecemos a Deus, é impressionante como isso nos faz sentir melhor. É bom ser específico na oração. Dizer 'Obrigado Deus' para tudo é melhor do que

não dizer nada, mas não muito. Então tente pensar em algum motivo especial para agradecimento quando ora, e de vez em quando tente listar todos os seus motivos para agradecer.

Finalmente, a nossa oração deve nos levar à fé, à confiança e ao compromisso das nossas vidas com Deus, nosso Pai. Quando oramos, deveríamos tentar, todos os dias, tomar uma decisão que brote da nossa experiência de estar com Deus em oração. Este é o ingrediente chamado 'dedicação'.

O modelo sugerido acima é apenas um modelo para a oração diária. Se parecer muito complicado, experimente recitar o Pai Nosso sem pressa e com frequência, pensando no seu Pai Celestial, que o ama e conhece todos os segredos do seu coração. Ele quer que você o conheça melhor e que se sinta à vontade quando conversa com Ele. Também pode tentar repetir silenciosamente uma pequena passagem bíblica, contendo uma breve e simples afirmação de fé (por exemplo, "Eis que estou convosco sempre", Mt 28). Não se preocupe com aquilo que não compreendeu. Ninguém conhece tudo a respeito de Deus. Qualquer que seja o método escolhido, vá devagar e deixe que Deus influencie os seus pensamentos; não se apresse com uma forma pré-estabelecida.

Não acho que seja ruim se o seu tempo de oração particular se transformar num devaneio santificado. Se você, como eu, pensar que muitos livros e pessoas que falam sobre a oração parecem falar de um patamar tão elevado que você nem espera nem deseja alcançar, talvez estaria sendo encorajado ao lembrar que a oração é uma conversa com Deus. Como Ele é onipotente, deixe que Ele faça a maior parte do trabalho. Foi idéia dele. Simplesmente torne-se disponível regularmente e acredite que algo está acontecendo. Deus realmente age em nossas vidas, mas muitas vezes a gente passa muito tempo sem perceber muita coisa. Também confie na oração comunitária, a oração da Igreja. Siga o fluir da oração da comunidade

e se deixe levar por essa correnteza. Ninguém espera que você pratique o Cristianismo sozinho.

## Os Sacramentos

No jeito anglicano de ser, bebemos livremente das três fontes de água viva. Agora vamos comentar a terceira fonte: os Sacramentos. Assim como na oração e na Bíblia, também nos Sacramentos Deus estende a sua mão e se oferece a nós por meio de Jesus Cristo, por meio da ação do seu Espírito Santo.

Um sacramento é "um sinal externo e visível de uma graça interna e espiritual, dada a nós pelo próprio Cristo, como meio para receber essa graça e como promessa de que isso será realizado" (Livro de Oração Canadense). No ensino e na prática tradicionais da Igreja, existem sete sacramentos. Dois deles se destacam em importância entre os demais. Todos os sete são meios da Graça de Deus (*graça* significa um dom gratuito), e por meio deles Deus estende a sua mão e entra nas nossas vidas.

Todos os cristãos concordam com a necessidade dos dois grandes Sacramentos: o Santo Batismo e a Santa Eucaristia. O Cristianismo católico também oferece os outros cinco: Confirmação, Penitência (Confissão e Absolução), Santo Matrimônio, Santa Unção e Ordens Sagradas.

## Batismo

O Batismo é o início sacramental da vida cristã. A parte externa do Batismo é a água com a qual a pessoa é batizada “em o nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. Aquilo que não pode ser visto é a “graça interna e espiritual”, ou aquilo que Deus está oferecendo ou fazendo em favor da pessoa que recebe o Batismo. Podemos descrever a parte interna e invisível do Batismo como um novo nascimento (regeneração), pois é o início de uma nova vida como filho ou filha de Deus na família da Igreja. Uma descrição mais profunda do Batismo é dizer que ele significa morte e ressurreição. O candidato é unido com Cristo e sente a experiência de morrer e ressuscitar. O que aconteceu com Cristo agora faz parte da própria vida e memória do cristão. A história de Cristo é agora a história da pessoa que crê e esta pessoa cristã é agora parte de Cristo. Quando o Batismo é administrado por imersão total, como era originalmente, é fácil perceber como ele representa a morte e depois uma vida nova. A água do Batismo também simboliza a lavagem de todos os pecados. Todas essas formas de descrever o Batismo indicam o dom de vida nova que Deus nos dá. Somos libertados do passado e unidos com Jesus Cristo para viver e amar em seu Espírito.

Para alguém se tornar cristão e membro da comunidade cristã é necessário ser batizado. O Batismo é a incorporação sacramental do fiel no corpo de Cristo e o começo de uma nova vida em Cristo.

Embora a ênfase do Batismo seja aquilo que Deus faz por nós, não se trata de um ato mágico. Não temos controle sobre Deus, mas seu dom gratuito exige uma resposta nossa. O Batismo faz exigências, especificamente o arrependimento e a

fé. (Já falamos sobre o arrependimento, quando comentamos a oração, e ainda falaremos sobre ele mais adiante. A fé, ou a crença e a confiança na una, santa e indivisa Trindade, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, também será abordada mais tarde neste livro). A forma mais rápida de começar a entender o Batismo é imaginá-lo acontecendo com adultos que, naturalmente, são capazes de arrependimento e fé. As crianças são batizadas na Igreja Anglicana num claro entendimento de que serão criados e ensinados a seguir a Jesus Cristo e rejeitar o mal, na família e na fé da Igreja Cristã, aprendendo o significado daquilo que aconteceu em seu Batismo.

Uma abordagem extremamente individualista da religião encontraria dificuldades para compreender o sentido do Batismo infantil. Mas o jeito anglicano faz sentido por causa do grande poder e da importância da comunidade de pessoas, por meio da qual Deus nutre e sustenta as crianças batizadas. O Batismo é o início sacramental da vida cristã na comunidade da Igreja tanto para as crianças como para os adultos.

Caso você não tenha sido batizado, procure o pároco de uma igreja e solicite ajuda na preparação para o Batismo, de modo que você possa começar o quanto antes a peregrinação da vida cristã.

## Santa Eucaristia

A Santa Eucaristia é o centro sacramental da vida cristã. Mesmo que o Batismo seja importante, é apenas o começo. O crescimento cristão continua durante toda a nossa vida. Esse crescimento é nutrido na medida em que nossa vida está centrada na Santa Eucaristia. No Anglicanismo, a Santa Eucaristia, assim como o próprio Cristo, tem muitos nomes. Eucaristia (que significa ação de graças), Santa Comunhão, Ceia do Senhor, Missa e Santíssimo Sacramento são os nomes mais comuns para o ato sagrado que o próprio Senhor instituiu na noite anterior a sua morte na cruz. Você pode aprender muito mais sobre este sacramento, lendo o rito da Santa Eucaristia e o Catecismo do Livro de Oração Comum. Você aprenderá ainda mais se participar regularmente da Eucaristia numa igreja.

A parte externa da Santa Eucaristia inclui o Pão e o Vinho. A parte interna e espiritual inclui o Corpo e o Sangue de Cristo. Evidentemente, estamos falando aqui da forma como partilhamos da vida de Cristo como membros de seu Corpo.

A Eucaristia sempre inclui o ofício da *Palavra*, quando escutamos o que Deus tem a nos dizer por intermédio da Bíblia. Também inclui a *Oração* comunitária, onde se encontram todos os ingredientes já mencionados. Então, diferenciando a Eucaristia dos outros ofícios e sacramentos, existem quatro grandes atos envolvendo o pão e o vinho. O primeiro é o *ofertório*, momento em que o pão e o vinho são oferecidos a Deus. Eles representam as nossas vidas, nossas preocupações, e toda a ordem criada, e são oferecidos em união com a oferta de Jesus Cristo na cruz. O grande ato seguinte é a *consagração*, a bênção, quando Deus recebe aquilo que oferecemos por meio de Jesus Cristo, e o santifica. O terceiro ato é o *partir do pão*. Origi-

nalmente, este ato era funcional (para que um pão pudesse ser repartido), mas também é simbólico, vinculando o pão partido por Jesus na Última Ceia, sua oferta voluntária de seu corpo na cruz, com a nossa participação com Ele no sacrifício eucarístico. O quarto grande ato é a *comunhão*, quando Deus compartilha sua vida conosco por meio do pão e do vinho, que são unidos à vida de Cristo, tornando-se para nós o seu Corpo e Sangue, sua oferta de si mesmo para nós e por nós.

Existem duas importantes dimensões nessa ação eucarística. Em primeiro lugar, lembramos, revivemos e participamos dos grandes atos da história da redenção e da salvação. Na Santa Eucaristia, lembramos e participamos na morte e ressurreição de Cristo. Em segundo lugar, reconhecemos que o pão e o vinho se tornam para nós o Corpo e o Sangue de Cristo por meio da ação do Espírito Santo. Na Santa Eucaristia, oramos ao Pai através de Jesus Cristo, e isso é eficaz, pois o Espírito Santo está agindo na Igreja, no Sacramento e em nós.

A Igreja existe para glorificar a Deus e alimentar o seu povo. A Eucaristia é o ato central da nossa adoração. Também é a nossa maneira fundamental de nos alimentarmos. Na refeição familiar da Igreja sabemos que, fiel a sua promessa, Cristo compartilha a sua vida conosco, nutrindo-nos com o seu Corpo e Sangue por meio da ação do Espírito Santo. Por isso, a nossa liturgia fala sobre o recebimento do alimento espiritual do mais precioso Corpo e Sangue. A Igreja não pode sobreviver sem a Eucaristia. A Eucaristia sempre é presidida por um bispo, sucessor dos apóstolos com quem Cristo instituiu este sacramento, ou por um presbítero ordenado por um bispo para assisti-lo no seu ministério apostólico.

Os dois sacramentos básicos e essenciais do Batismo e da Eucaristia demonstram como o Cristianismo é fundamental. Orgulhosamente afirmamos que Deus age em nossas vidas em ocasiões palpáveis e de maneira específica. No Batismo, Deus

nos faz cristãos e nos salva. Na Santa Comunhão, Deus se une a sua Igreja e nos alimenta. Essa grande confiança, que caracteriza a fé cristã, está enraizada na nossa crença de que Deus age na história humana, que Ele traz a humanidade para sua divindade na encarnação, e que o seu Espírito vive na Igreja e em cada cristão. Como vivemos num mundo material, Deus vem até nós em maneira material por meio de sacramentos concretos.

## Confirmação

A confirmação é o rito apostólico da imposição das mãos sobre aqueles que são batizados. No caso daqueles que foram batizados na infância, os anglicanos geralmente retardam a imposição das mãos, até que a pessoa tenha suficiente idade para poder entender a diferença entre o certo e o errado, reconhecer o valor da fé, renovar voluntária e conscientemente os votos do Batismo e receber os dons do Espírito, para viver uma vida cristã adulta, justa e sóbria. Estritamente falando, não existe nenhum motivo teológico para impedir que a criança seja confirmada na hora do Batismo. Mas a maioria dos anglicanos prefere retardar a Confirmação, dando um tempo para o desenvolvimento de uma resposta mais consciente de sua fé pessoal. Os anglicanos insistem na presença de um bispo para officiar a Confirmação, e no ato da imposição das mãos. A Confirmação poderia ser realizada por um presbítero autorizado pelo bispo e usar óleo abençoado por ele. Poderia ser assim, mas por enquanto não é. Geralmente preferimos a nossa maneira familiar e tradicional. O Catecismo e o Rito da Confirmação no Livro de Oração explicam com mais detalhes este sacramento.<sup>2</sup>

## Penitência

O sacramento da penitência, ou da confissão e absolvição, está disponível na Comunhão Anglicana, mas não é usada tanto quanto deveria ser. A confissão sacramental acontece quando alguém faz uma confissão particular dos seus pecados na presença de um presbítero. Quando necessário, o presbítero pode aconselhar; mas o mais importante é que o presbítero pode proferir a absolvição de tal maneira que o penitente possa se sentir completamente confiante e seguro do perdão de Deus. Este sacramento é muito útil quando um pecado específico ou um persistente senso de indignidade e culpa está atrapalhando a relação entre a pessoa e Deus. A regra anglicana sobre a confissão sacramental é que todos *podem*, mas ninguém é *obrigado*, e algumas pessoas *deveriam* se confessar a um presbítero dessa maneira. Quando contamos os nossos pecados, segredos e pensamentos mais íntimos para outra pessoa, somos motivados a enfrentá-los de maneira honesta. A experiência da nossa aceitação pelo representante de Deus e da Igreja, e a absolvição pronunciada em nome de Deus, nos trazem uma sensação de libertação e de vida nova. É nos oferecido um novo começo.

## Santo Matrimônio

O sacramento do santo matrimônio é bem conhecido. A Igreja acredita que o casamento faz parte do plano de Deus para a humanidade e que, numa comunidade eterna de amor incondicional, a sexualidade humana reflete o mistério do amor divino. O ambiente ideal para a educação dos filhos é o ambiente da família, onde marido e mulher se doam um ao outro em amor.

A Igreja procura oferecer uma boa preparação pastoral para o casamento. Em termos humanos, o casamento na Igreja afirma a permanência e a plenitude do compromisso, e a completa doação e partilha mútuas. Em termos sacramentais, o casamento que naturalmente continua bem além da cerimônia de matrimônio, é um sinal do amor divino e abnegado e é sustentado por este mesmo amor. O matrimônio é apoiado pelo amor e orações da comunidade cristã, que, por sua vez, se beneficia da experiência renovadora pela lembrança dos votos, padrões e bênçãos de um casamento cristão. Quando possível, o casamento deve acontecer dentro do contexto da eucaristia.

## Santa Unção

O sacramento da santa unção é ungir com óleo e orar em favor daqueles que estão doentes. Não é muito usado. Mas nos últimos anos, a unção dos enfermos tem experimentado um reavivamento. O ministério junto aos doentes e as orações para a cura são muito importantes para o jeito anglicano de ser. É muito comum levar a Santa Comunhão aos doentes, que não conseguem ir à Igreja para assistir o culto. Para muitas pessoas, isso tem sido uma ajuda sacramental suficiente sem a santa unção. A unção é um sacramento antigo com base bíblica (Tiago 5:14), e está prevista no Livro de Oração Comum.

## Ordens Sagradas

O sacramento das sagradas ordens não é aceito por todos os cristãos, mas é importante para os membros da Igreja. Como a Igreja é uma comunidade de pessoas e Deus é pessoal, então ela age por meio das pessoas para ajudar outras pessoas e para servir a comunidade. Assim como Cristo escolheu os apóstolos, a Igreja continuou escolhendo os sucessores desses apóstolos. A linha de sucessão dos bispos, que foram consagrados (ordenados) por outros bispos, remonta ao tempo dos apóstolos e conserva a nossa ligação histórica com a Igreja fundada por Jesus Cristo. Os bispos salvaguardam a nossa continuidade e fidelidade ao evangelho. Os bispos, por intermédio de outros bispos, também estabelecem elos de ligação com a Igreja universal. Os bispos ordenaram outros ministros sagrados

para ajudá-los na sua missão apostólica. As outras duas ordens do sagrado ministério ordenado da Igreja são os presbíteros e os diáconos.

Um bispo é o pastor chefe na diocese e responsável pelo ministério da Palavra e dos Sacramentos, e também pela boa disciplina e correto ensino da Igreja. Ele pode administrar todos os sete sacramentos. Um presbítero pode administrar o Batismo, a Santa Eucaristia, a penitência, o matrimônio e a unção, mas não pode ordenar nem confirmar. O ministério do diácono se concentra no serviço àqueles que têm necessidades especiais e no ministério da Palavra. O papel sacramental do diácono normalmente é auxiliar um bispo ou presbítero. Na ausência de um presbítero ou bispo, o diácono pode batizar e, em ocasiões muito especiais, fazer casamentos.

As três ordens de bispos, presbíteros e diáconos são importantes nas igrejas católicas, inclusive na Comunhão Anglicana, onde as mulheres também podem ser ordenadas. O objetivo do ministério ordenado é servir a Deus e ao seu povo como Cristo, o servo, serve. Por isso, o clero muitas vezes é visto como o representante de Cristo. As suas principais funções são glorificar a Deus, orientar as pessoas em sua adoração e edificar e nutrir a Igreja.

Acabamos de estudar os três aspectos do jeito anglicano de ser. Há tanta coisa que essas três fontes de água viva nos oferecem que as vezes nos sentimos constrangidos. Mas devemos lembrar que elas suprem as nossas necessidades ao longo de toda a nossa vida, bem como as necessidades de todos os homens e mulheres do mundo e da história. É claro que a oferta é bem maior do que uma única pessoa pôde absorver. Mas podemos começar aceitando tudo o que Deus tem para oferecer, se nos abirmos continuamente a Ele para aprender essas três fontes: a Bíblia, a Oração e os Sacramentos.

## Deus

Você deve ter percebido que Deus é freqüentemente chamado de Pai, Filho e Espírito Santo. Os cristãos acreditam na Santíssima Trindade (que quer dizer tri-idade), três em um e um em três, uma santa e inseparável Trindade, três pessoas em um só Deus. Na verdade, temos que admitir que muita gente hoje acha essa linguagem muito confusa e completamente misticizadora.

Isso se torna mais fácil, quando descobrimos o sentido exato das palavras, especialmente daquelas palavras que mudaram o seu sentido na linguagem de hoje. Por exemplo, se, por engano, achamos que *pessoa* quer dizer "indivíduo", então temos um enigma matemático e não uma revelação divina. Talvez você gostaria de se aprofundar nos significados históricos da linguagem trinitária num livro de teologia. Mas talvez seja mais fácil entender a forma em que a Igreja fala sobre Deus, quando reconhecemos que a linguagem humana jamais poderá definir a Deus. Não se pode colocar um galão de cerveja dentro de um copo de meio litro, e aquilo que é infinitamente maior não pode ser contido dentro daquilo que é menor. Algumas de nossas dificuldades surgem não porque o nosso conhecimento ou nossa inteligência são limitados demais para compreendermos o que alguém mais sábio e mais estudioso tem para dizer, mas simplesmente porque as palavras são limitadas quando falamos da realidade de Deus. Por outro lado, depois de admitir a impossibilidade de definir Deus em termos humanos, temos que reconhecer o maravilhoso sucesso da Igreja ao expressar com impressionante simplicidade a doutrina da Trindade, que é o maior de todos os mistérios.

A primeira parte da fé na Santíssima Trindade é a fé e a confiança em Deus como pai e criador do mundo. Perceba como combinamos a crença de que Deus é a fonte e criador de tudo que existe com a crença de que Deus é um ser pessoal e se relaciona conosco como nosso Pai. Quando pensamos em Deus como o criador, não o reduzimos a um grande princípio criativo e impessoal. Como sua criação inclui pessoas, o criador tem de ser pelo menos pessoal. Do contrário, ele seria menos que a sua criação. Acreditamos que Ele revelou algo sobre si como pessoa e que é melhor falar dele como um pai carinhoso ou como o Jesus que nos ensinou o “Pai Nosso”.

Quando analisamos a experiência religiosa dos cristãos através dos séculos e dos seus antecessores do Antigo Testamento, temos uma idéia clara do Deus pessoal. Em primeiro lugar, Deus coloca exigências morais aos seus filhos. Como é uma exigência de Deus, é considerada um mandamento absoluto. Quando acreditamos que uma determinada ação é a vontade de Deus, nos defrontamos com um imperativo que exige obediência total. Relacionamos o conceito de pai com esta exigência absoluta. Totalmente diferente da tirania de um déspota arbitrário, o amor paterno que faz exigências aos filhos é necessário para o seu crescimento e desenvolvimento saudáveis. A exigência moral de Deus faz parte da sua criatividade. Quando ignoramos as suas exigências, contribuímos com as forças destrutivas agindo nas nossas vidas. A obediência ao imperativo moral é criativa.

Em segundo lugar, na Bíblia e na Tradição Cristã, Deus aparece como ajudante, amigo, apoio, protetor, a fonte de toda força e nutrição. Em outras palavras, o amor de Deus não é apenas uma exigência absoluta, mas também um supremo socorro. Deus ama os seus filhos simplesmente porque são seus filhos. Nada pode destruir este amor. Enquanto a sua exigência

absoluta nos conduz à perfeição, o seu supremo socorro nos salva quando falhamos, nos liberta para começar de novo e nos fortalece enquanto crescemos em bondade.<sup>3</sup>

Tudo o que existe vem de Deus. Tudo o que existe vai para Deus. Tudo o que existe é sustentado por Deus. Ele é o Ser. Temos de admitir que a linguagem humana jamais conseguirá definir Deus, que transcende todas as nossas experiências. Mas usando nossa limitada experiência, podemos afirmar que o próprio Ser escolheu se revelar a nós de maneira pessoal e fraterna. Por isso, vivemos nesse mundo numa confiança cósmica. Não compreendemos tudo sobre o mundo em que vivemos, mas confiamos que, não obstante tudo o que acontece, estamos nas mãos de nosso amoroso Pai.

A segunda parte da fé trinitária é a crença e a confiança no Filho de Deus, Jesus Cristo, que redime (liberta) a humanidade. (Se você não tem certeza por que a humanidade necessita de libertação ou redenção, vou tentar explicar isso no capítulo 7 sobre “a Salvação”).

Os primeiros discípulos encontraram a Jesus na Palestina, há quase 2.000 anos. Quando o encontraram, nunca lhes ocorreu a idéia de que Ele poderia ser alguém mais do que um simples ser humano. Isso aconteceu porque Ele era também humano. Até o dia da sua morte, nenhum discípulo ou apóstolo jamais negou que Jesus não fosse um homem. E mais, acreditaram e proclamaram ao mundo inteiro que Jesus Cristo era divino. A crença na divindade de Cristo começou no início do seu ministério. Os primeiros discípulos viviam numa cultura religiosa. Eles sabiam orar e acreditavam que Deus os amava. Acreditavam que Ele tinha lhes revelado a sua vontade através das Escrituras. Tinham uma fé vital em Deus. Depois se encontraram com Jesus. Quando Ele ensinava, era como se estivessem ouvindo a vontade de Deus revelada mais

clara e diretamente do que jamais ouviram antes. Quando estavam com Jesus, sentiram a aproximação e a presença de Deus e do seu amor, que excedeu a tudo que conheciam nas suas orações particulares, na sinagoga ou no templo. Para os discípulos, Deus era o libertador, o redentor, que havia tirado o seu povo da escravidão do Egito. Quando estavam com Jesus, começaram a sentir liberdade para amar, libertação do medo e a confiança de que estavam preparados para enfrentar o mal.

A convicção de que Deus estava se encontrando com eles por meio de Jesus deve ter sofrido um duro golpe, quando Ele foi crucificado e quando O viram morto e sepultado. Mas as dúvidas desaparecerem quando se encontraram com Ele de novo, ressuscitado da morte. O Cristo vivo convenceu os discípulos de que Deus entrou na vida humana por meio de Jesus. Passou-se muito tempo até que as doutrinas da Trindade e as duas naturezas de Cristo fossem expressas tão claramente como nós as conhecemos hoje. Mas os primeiros discípulos já estavam convencidos da humanidade e da divindade de Cristo por causa da sua própria experiência.

Na morte e ressurreição de Cristo, percebemos que nada pode impedir ou derrotar o amor de Deus e que Ele é vitorioso sobre o medo, o mal e a morte. Unindo-se conosco por meio de Jesus Cristo, Deus permite que compartilhemos de sua vitória. Somos libertados, livres e salvos. Unidos com Cristo, não somos apenas livres, mas pessoas novas. A vida ressuscitada de Cristo, de que partilhamos, é divina e humana e por isso eterna. Crer e confiar em Jesus Cristo significa confiar no seu amor abnegado e segui-lo em nossas vidas diárias. Tornamo-nos seus discípulos. Ser um discípulo é muito mais importante do que ser um anglicano. Embora não seja o único meio, o jeito anglicano de ser é uma excelente forma de disciplinado cristão.

Algumas pessoas acham difícil entender que Deus se encarnou numa pessoa específica na história. Se acreditamos que este mundo foi criado por um Deus pessoal, e que esse Deus ama sua criação e suas criaturas, então podemos acreditar que o amor de Deus nos alcança de uma maneira em que possamos recebê-lo. É isso que Deus faz em Jesus Cristo. Em Cristo, Deus vem ao nosso encontro numa união perfeita entre Ele e o ser humano. Jesus Cristo é Deus perfeito e homem perfeito.

A terceira parte da fé no Deus trino é a fé e a confiança no Espírito Santo, que santifica (torna santo) o povo de Deus. Se falamos apenas em Deus como Pai e como Filho, deixamos de descrever uma parte extremamente importante e íntima da nossa experiência de Deus. Se descrevemos a Deus como reinando sobre nós, e Jesus Cristo reinando conosco, então o Espírito Santo é Deus reinando em nós. Deus vem até nós e nós experimentamos sua presença e atividade nas profundezas do nosso ser. A inspiração do Espírito Santo, assim como a respiração para a vida natural, é uma necessidade para a vida espiritual. A inspiração de Deus é também Deus habitando em nós. Deus, o Espírito Santo, habita no cristão, dando-lhe força, sabedoria, coragem, esperança e amor para viver uma vida como a vida de Cristo.

Não há nenhuma mágica no Cristianismo. São necessárias a resposta humana e a aceitação da oferta de Deus. Precisamos nos abrir voluntariamente para o Espírito Santo. Precisamos crer que Deus realmente habita em nós. Precisamos confiar no seu Espírito que vive dentro de nós. Muitas vezes somos humildes demais para confiar no Espírito. Podemos acreditar que o Espírito de Deus inspirou e preparou São Pedro ou São Paulo, mas não queremos nos colocar na mesma classe. A fé na Santíssima Trindade destrói esta modéstia enganadora. Diminuímos a Deus sempre que nos recusarmos a acreditar que

Ele é capaz e está disposto a agir em qualquer ser humano.

Quando acreditamos e confiamos na ação do Espírito de Deus, desenvolvemos uma autoconfiança divina. Sabemos que qualquer que seja a situação, Deus estará conosco nos dando força para fazer a sua vontade, nos ajudando quando falhamos e nos guardando no seu amor. Também desenvolvemos uma reverência para com os outros que, como nós, são templos do Espírito Santo. Nem tudo que ouvimos de um dos templos do Espírito Santo (outro cristão) será a palavra de Deus. Mas é importante que escutemos uns aos outros, porque o Espírito pode falar, e fala por meio dos lábios de outros cristãos. O respeito pela ação do Espírito nos outros evita que tentemos dominar ou manipular a vida das outras pessoas.

A ação de Deus como Espírito não deve ser compreendida de maneira fragmentada e individualista. O Espírito age numa comunidade de pessoas. Cada pessoa da comunidade, cheia do Espírito, recebe os dons do Espírito para o bem de toda a comunidade. Por isso, falamos da comunhão do Espírito Santo. O Espírito Santo sempre é experimentado pelo ser humano como um dom. Se pensar bem, você pode identificar alguns dons do Espírito em sua vida. Quando fizer isso, esteja preparado para algumas surpresas. Um dos motivos de usar o vento como símbolo do Espírito é reconhecer o elemento de surpresa na ação de Deus, que do nosso ponto de vista, é imprevisível e muitas vezes nada do que esperávamos.

A minha impressão é que muitos membros da Igreja se sentem mais confortáveis pensando na primeira e na segunda pessoas da Santíssima Trindade em vez da terceira. Se você é uma dessas pessoas, tente cantar o hino "Vem Espírito Santo, nossas almas inspirar", ou outro semelhante, devagar, em forma de oração, todos os dias durante um mês. Se você ainda não foi confirmado, deve então se preparar para o sacramento da Confirmação e receber os dons do Espírito Santo

através das orações da Igreja e da imposição das mãos pelo bispo. Se você já foi confirmado, talvez possa lhe ser útil nas suas orações diárias usar a oração da Confirmação (página 181 - "Protege, ó Senhor..."). Assim como os outros dois elementos da doutrina da Trindade, a crença no Espírito Santo só tem sentido e razão de ser quando experimentamos a realidade da qual falamos.

Falamos da Trindade porque acreditamos que esta é a forma em que Deus se revela para nós. Considerando que Deus jamais nos enganaria, temos certeza de que esta tripla natureza divina, que descrevemos, expressa a realidade de Deus como Ele é, embora sabendo que a linguagem que usamos jamais seria suficiente para definir a Deus. Nossa fé pode ser expressa em poucas palavras. A Igreja Anglicana ensina e acredita numa fé expressa de maneira resumida nos credos históricos. Você deve memorizar e refletir sobre o Credo Apostólico. Você também poderá aprender o Credo Niceno, por seu uso frequente na Santa Eucaristia. Refletindo sobre os Credos, você meditará sobre as doutrinas centrais da Igreja, como a criação, a encarnação, a redenção, a ressurreição, a vinda do Espírito Santo, a Igreja e as últimas coisas.

Fomos criados de maneira tão parecida com nosso divino Criador que podemos entrar numa relação carinhosa com Ele. Para poder amar, as pessoas precisam ser livres. Por isso, somos criados livres, podendo escolher entre amar a Deus e uns aos outros, ou rejeitar esse amor. Se abusarmos da liberdade, perderemos essa condição. E deixar de amar tem resultados destruidores. Entretanto, o amor de Deus nunca falha. Para diminuir a distância entre nós, que aumentou por causa de nossa contínua rejeição do amor divino, Deus entra na vida humana por meio de Jesus Cristo (Encarnação). Em Cristo Deus se faz um conosco no amor. Esse amor tem um alto preço e requer total auto doação, que conhecemos na crucificação. Ali

um amor totalmente abnegado foi derramado livremente; a morte é aceita mas também superada. Este amor verdadeiro é vida verdadeira. A ressurreição não aconteceu só para Cristo, mas acontece para todos os que recebem e partilham da sua vida e amor. O Espírito Santo entra na nossa vida para que a vida e o amor divinos estejam presentes em nós. A Igreja é o lugar em que a nova vida, para o qual fomos criados, pode ser experimentada numa comunidade de pessoas que são reconciliadas com Deus e livres para amar. Nossa experiência dessa nova vida de amor e em harmonia com nossos irmãos e com Deus nesse mundo ainda está muito fragmentada. Esperamos com ansiedade por uma experiência plena dessa harmonia completa com Deus, quando a experiência da criação será um sucesso.

No contexto de nossa fé tradicional, nos apegamos e somos envolvidos pelas realidades fundamentais e obsessivas que fascinam e, ao mesmo tempo, perturbam homens e mulheres de todos os tempos e lugares. As grandes questões e experiências, como o amor, a morte e os milagres, não devem ser ignoradas, diminuídas, falsificadas ou evitadas, como acontece muitas vezes no materialismo e no secularismo. Na Igreja Anglicana aprendemos sobre o amor de Deus e do homem; somos libertados para amar e ser ajudados a amar; também somos amados. Mesmo uma realidade, que muitas vezes tememos, como a morte, não é escondida. Um cristão numa comunidade de vida e de amor consegue lidar com a morte e com os seus sentimentos sobre ela. Somos apoiados na morte e na procura da vida. Experimentamos o gosto amargo do luto e da solidão, e ao mesmo tempo descobrimos a esperança e a alegria na comunhão com Deus e uns com os outros.

A vida da Igreja provoca admiração. Não devemos ter vergonha de ser religiosos. A religião não tem nada a ver com a superstição, o fanatismo, a credulidade ou o preconceito. É uma maneira bem razoável de responder a todos os aspectos da vida,

incluindo a dimensão espiritual. Estamos dispostos a nos abrir a toda verdade, incluindo a revelação de Deus para nós. No louvor nós percebemos a vida como um todo na perspectiva da eternidade. Em princípio, nada é omitido, tudo é incluído. O louvor é a única atividade humana que nos permite experimentar um senso de integridade. Acreditamos que precisamos falar sobre Deus, se vamos falar sobre toda a realidade. Precisamos louvar, se queremos ter uma relação com tudo que existe, a totalidade do ser.

## A Igreja

As pessoas são importantes. A Igreja é uma comunidade de pessoas que se preocupam com outras pessoas. O trabalho pastoral nasce de uma preocupação com o bem-estar da pessoa e da comunidade. A Igreja Anglicana coloca grande ênfase na dimensão pastoral da vida da Igreja. Porque Deus ama as pessoas, sua Igreja deve expressar esse amor. Se a Igreja deixar de ser o agente do amor divino, nenhuma palavra pode compensar aquela falha. O cuidado pastoral da Igreja para todos os homens é da responsabilidade de cada membro da Igreja. Todos os membros também recebem o cuidado pastoral da Igreja. De alguma forma há sempre um pastor e uma ovelha dentro de nós.

A preocupação da Igreja para com as pessoas é especialmente útil nas horas difíceis, como a doença, o luto, a morte ou quando falhamos e nos machucamos ou machucamos uns aos outros. A Igreja também é importante nas experiências alegres da vida, como nascimentos e casamentos, quando há maior sensibilidade à dimensão espiritual da vida humana. Mas a pas-

toral também se envolve com toda a nossa vida, incluindo as horas de crescimento repentino e de mudanças lentas.

Os sacramentos da Igreja são administrados no contexto do cuidado com as pessoas. Um dos motivos de ter edifícios visíveis espalhados por todo o mundo é mostrar que o atendimento pastoral da Igreja está livremente disponível para todas as pessoas. Os anglicanos respeitam a escolha religiosa e denominacional dos outros. Entretanto, para expressar a verdade de que o amor de Deus não tem limites, mas é para todos, as pessoas estão potencialmente sob a responsabilidade pastoral de um presbítero. Em alguns países, mais do que em outros, é mais fácil descobrir quem é esse clérigo e qual é a sua paróquia local. No Canadá, por exemplo, o pároco está à disposição de qualquer pessoa, seja anglicana ou não. Ele é o responsável por todas as pessoas que vivem nos limites da sua paróquia (a paróquia como área geográfica e não simplesmente como templo).

Os dons distintos que a Igreja tem para oferecer são a Bíblia, a oração e os sacramentos. As paróquias também expressam o amor de Deus por meio de vários atos de bondade humana, amizade e serviço. Jesus Cristo morou na terra como servo dos seus companheiros. A Igreja continua a sua presença no mundo como uma comunidade de serviço. Além de servir todas as pessoas individualmente, também deveríamos estar preocupados com a sociedade na qual vivemos. Se a sociedade não for justa, o indivíduo sofre. Um "pronto socorro" para as vítimas da injustiça não é suficiente. Então a Igreja está engajada também na luta pela justiça social. Procuramos construir uma comunidade de amor onde Deus reina como Rei nos corações e nas vidas das pessoas. Como a sociedade tem muitos problemas, a Igreja age em várias áreas. Racismo, direitos dos indígenas, bioética, pobreza, desenvolvimento do Terceiro Mundo são algumas das áreas em que você pode se envolver por meio da Igreja. Porém, somos uma comunidade de pessoas que

apoiam uns aos outros e dividem o trabalho. Você, como indivíduo, não precisa participar em todas as áreas ao mesmo tempo.

A Igreja nos ajuda a fazer algumas escolhas morais. Os cristãos prometem rejeitar o mal e fazer a vontade de Deus. Nós procuramos a bondade. A questão "O que devo fazer?" é então muito importante. Quem já fez esta pergunta sabe que às vezes é extremamente difícil respondê-la. Somos agentes morais, e não podemos nos livrar da responsabilidade de nossas decisões. A Igreja pode ajudar, mas não pode ser uma ditadora moral e simplesmente nos obrigar a fazer isso ou aquilo. O cristão procura na Igreja orientação, inspiração e exemplos, mas no final ele deve obedecer a sua própria consciência. A exigência moral de Deus é absoluta. É assim que somos convencidos na nossa própria consciência de que a vontade de Deus é clara, então devemos obedecer. Mas o que devemos fazer quando a vontade de Deus não está bem clara para nós?

A Bíblia é uma fonte rica de ensinamentos morais. Você deve aprender os Dez Mandamentos (Êxodo 20) e conhecer profundamente o Sermão da Monte (Mateus 5-7). É muito importante que o cristão se lembre de que ele faz as suas decisões morais como parte do corpo de Cristo. Então a pergunta moral permanece: "O que acho que Jesus Cristo faria, pensaria ou diria, se tivesse nesta situação?" ou "O que Jesus evitaria fazer, dizer ou pensar, se tivesse que se defrontar com essas alternativas?"

Algumas pessoas se ajudam aplicando a ética do amor. Elas tentam descobrir qual seria a linha de ação mais amorosa e a seguem. Essa é uma maneira excelente que nos livra de uma atitude legalista da vida. Infelizmente, saber qual é a ação mais amorosa muitas vezes é tão difícil quanto saber qual é a ação correta. Outra atitude é criar nossa moralidade dentro de nós mesmos. Se você for uma pessoa bondosa, carinhosa, honesta,

justa e contemplativa, seu comportamento expressará esse caráter. Será natural fazer a coisa certa. O Cristianismo depende muito dessa atitude, mas ainda existem situações em que não temos certeza de que temos a resposta certa.

Lembre-se do que falamos antes sobre a penitência na oração e nos sacramentos da penitência. Deus nos oferece a possibilidade de começar de novo, mesmo depois de termos feito a escolha errada. Se pedimos a Deus para que nos guie, se tentamos amar como Ele ama, se confiamos no seu poder e presença em nossas vidas, então provavelmente estamos fazendo a coisa certa. A coragem moral é uma virtude que inclui a vontade de arriscar e cometer erros. Se nos enganamos em alguma decisão, mas temos a coragem de aceitar nosso erro, então estamos voltando para o caminho certo. Deus não está nos submetendo a um teste de proficiência no caminho dos obstáculos. Ele está nos amando. Nossas escolhas morais são maneiras nas quais crescemos, recebendo, devolvendo e compartilhando o seu amor.

No Credo Niceno, a Igreja é chamada *una, santa, católica e apostólica* (LOC, p. 59). Como a Igreja é a Igreja de Deus e o Corpo de Cristo, é óbvio que só poderia existir *uma* Igreja como falamos no Credo. A Comunhão Anglicana, então, deve ser só uma pequena parte desta Igreja. Estamos comprometidos a procurar aqui na terra uma união visível com outros cristãos.

A Igreja é *santa* porque pertence a Deus. Tentamos expressar essa santidade nas nossas instituições e organização. Tentamos pôr essa santidade em prática nos nossos programas e atividades e demonstrá-la nas nossas vidas cristãs individuais. Não somos sempre notavelmente bem sucedidos. Mas como pertencemos a Deus e como a santidade é um dom que Ele nos dá, não desanimamos. Em certo sentido, já somos santos. Quando Deus completa o seu trabalho em nós aquela santidade aparece.

*Católica* quer dizer universal, inclusiva, que inclui a todos. Acreditamos que a Igreja deve ser coerente com o amor divino que expressa e que é católico, incluindo a todos e não excluindo ninguém. A Igreja católica, assim como o amor de Deus, está aberta aos homens, mulheres e crianças de todas as raças, classes e culturas. A palavra *católica* não deve ser usada como etiqueta para distinguir um grupo de cristãos de outro, embora talvez queremos usá-la para falar dos cristãos em comunhão com a Igreja Católica e que seguem a fé católica.

Ser *apostólica* quer dizer que foi enviada por Deus com uma missão. Historicamente, a Igreja foi fundada por Jesus Cristo. Ele entregou aos discípulos a liderança e o desenvolvimento da Igreja na missão que Ele começou. Os bispos que, como acreditam os anglicanos, são os sucessores históricos dos apóstolos, asseguram a continuidade da fé, da vida e do trabalho da Igreja. Não só o episcopado (os bispos), mas também toda a Igreja, é apostólica, porque toda a Igreja foi enviada por Deus. Todo o cristão deveria estar em missão, levando o amor de Deus por todo o mundo de Deus.

Na Bíblia, Paulo descreve enfaticamente a Igreja como o Corpo de Cristo. Levamos isso muito a sério. Um membro do corpo obedece a cabeça e trabalha em harmonia com os outros membros, dependendo deles, servindo-lhes e respeitand-os. Cristo une o humano e o divino. Então, no seu Corpo, a Igreja, temos o encontro entre o humano e o divino. O Livro de Oração ensina que a Igreja tem o duplo papel de glorificar a Deus e edificar o seu povo. O objetivo principal da Igreja é a adoração. Somos uma comunidade de adoração. No nosso louvor experimentamos o encontro entre Deus e o homem. Isso é natural numa comunidade que é o Corpo de Cristo.

Neste capítulo passamos rapidamente do ponto de vista humanitário para o ponto de vista teológico. E deve ficar claro que a Igreja não se considera uma instituição meramente

te humana. Somos uma comunidade de pessoas divinamente ordenadas e cheias do Espírito. As vezes, os anglicanos são acusados de colocar a Igreja antes do seu Senhor. Mas como a Igreja é o Corpo de Cristo, não há nenhuma oposição. O jeito de ser anglicano, por outro lado, coloca bastante ênfase na comunidade da Igreja.

## Salvação

Embora nenhuma atitude honesta e realista sobre a vida humana possa ignorar o pecado e o mal, muitas pessoas parecem que não levam muito a sério o pecado. Se não entendêssemos o que Igreja ensina sobre o pecado e a salvação, provavelmente ignoraríamos o assunto totalmente. A Igreja Anglicana não incentiva sentimentos mórbidos de culpa. Mas enquanto evitamos o perigo de ficar obcecados com nosso próprio pecado, também devemos abandonar qualquer ilusão de inocência. A Igreja ensina que somos todos pecadores.

O pecado não pode ser confundido com uma desobediência infantil que pode ser curada com um simples tapa no traseiro. Uma das palavras mais simples para o pecado na Bíblia é uma palavra originalmente usada para descrever a flecha do arqueiro que cai antes de atingir o alvo. Como o nosso alvo é viver uma relação de amor com Deus e com os outros, é fácil perceber quantas vezes não conseguimos alcançar esse alvo.

O pecado mais difícil de se superar é o pecado social. Esse tipo de pecado está fora do controle do indivíduo. Por exemplo, é claramente errado e malvado deixar algumas pessoas passarem fome, enquanto outras desperdiçam a comida ou fazem mal uso

dos recursos que poderiam produzir comida. Não está certo que as nações gastem horrores de dinheiro em armamentos, porém, contribuem com quantias minúsculas para providenciar água limpa para os milhões que sofrem de doenças e pobreza. Mas indivíduos e até nações inteiras se sentem desamparados e impotentes diante das estruturas econômicas, sociais e políticas que apoiam o mal. Podemos dizer "Não é culpa minha; eu mudaria tudo, se pudesse!". Mas também devemos confessar que alguns de nós gozamos de uma segurança temporária, porque somos protegidos pelo complicado equilíbrio do terror da máquina de guerra, que beneficia nosso padrão de vida, porque o Terceiro Mundo não tem o poder para evitar a exploração.

Poderíamos lembrar ainda muitos outros exemplos que provam que a sociedade humana é imperfeita e está muito longe dos padrões do amor divino. Isso é o pecado social. Também poderíamos mencionar as várias maneiras em que o pecado social é destrutivo, porque o pecado sempre destrói. Não ousamos tolerar o pecado só porque não podemos esperar a perfeição e porque, infelizmente, nunca conseguimos atingir o alvo. Deixar de amar tem conseqüências drásticas, não porque Deus se irrita ou fica com raiva, mas porque na realidade os caminhos da morte e da destruição são opostos aos caminhos da vida e do amor.

Quando prestamos atenção aos pecados individuais e pessoais, talvez pensamos que a única coisa de que precisamos para corrigir as nossas falhas é a decisão de mudar e um pouco mais de força de vontade. Tente de novo fazer o exercício, usando 1 Coríntios 13. Até aqueles que são melhores do que nós são pecadores, quando nos comparamos com Jesus. Talvez nos perguntemos porque devemos usar um padrão tão alto. A resposta é dupla. Primeiro porque o pecado individual é também destrutivo. Quando refletimos seriamente sobre nós mesmos, aprendemos a reconhecer as tendências destrutivas em nossa

personalidade, pensamentos e comportamento. Quando somos controlados por essas tendências, em vez das tendências de amor e perfeição, machucamos a nós mesmos e também aos outros. Segundo porque somos feitos para algo melhor do que o pecado, a inferioridade ou a mera mediocridade. A triste verdade é que tantas pessoas são humildes demais para ser penitentes. Elas têm uma imagem tão limitada do seu potencial que não sofrem nem desilusão nem vergonha, quando não alcançam o ideal. Elas se subestimam. Se você se enxergasse como você realmente é, como Deus lhe enxerga, saberá que tem um grande potencial para o amor e para a bondade. Reconhecerá também que pode causar mais dano e dor do que você antes tão cega ou modestamente imaginava. Se você achar que a sua vida é insignificante, provavelmente não sentirá a necessidade de se arrepender. Quando você se der conta de que Deus o criou para o amor e o ama pessoalmente, sentir-se-á desconfortável diante do pecado.

Quando reconhecemos que somos pecadores numa sociedade pecadora, estamos prontos para buscar a salvação. A salvação significa ser salvo ou resgatado do perigo. Quando imaginamos o pecado como doença, a salvação é a cura. Quando imaginamos o pecado como a escravidão, a salvação é a libertação ou a redenção. Nos evangelhos, a Igreja nos diz que mesmo que não podemos salvar a nós mesmos, Deus estende a sua mão com amor e nos salva.

Falando de uma maneira bem simples, podemos dizer que, baseado naquilo que já sabemos sobre Deus, é natural esperar que Ele nos salve. Ele nos criou para o amor, e devemos estar livres para amar. Quando falhamos no amor e abusamos da nossa liberdade, também perdemos a capacidade de usar a nossa liberdade. As nossas falhas passadas e as falhas da sociedade nos escravizam e pesam sobre os nossos ombros. Como o nosso amor é muito fraco, o amor de Deus tem que vir até nós,

tem de nos alcançar aonde estamos e como estamos. Deus entrou na vida humana em Cristo, estabelecendo uma ponte. Esse tipo de amor abnegado custa muito caro. Um amor tão profundo sente todas as dores e todas as feridas que as falhas humanas causam e permitem. Na crucificação, quando Jesus sofreu e morreu na cruz, Deus no seu amor absorveu a destruição de todo o nosso pecado, e o seu amor triunfou sobre a morte.

Você aprenderá mais sobre o amor por meio destas três fontes: a Bíblia, a oração e os sacramentos. Por enquanto, é suficiente enfatizar que somos pecadores, que precisamos de salvação e que Deus nos oferece essa salvação. Como a oferta de Deus é uma oferta de amor, podemos respondê-la ou ignorá-la. O mais importante é estar numa relação correta com Deus. Descrevemos esta relação como uma relação de amor. Quando Deus nos salva, restabelecendo os laços de amor, a nossa salvação nos leva a superar o pecado e caminhar na direção da perfeição, da santidade, da justiça e do amor.

Martinho Lutero disse certa vez que Deus mostra a sua justiça como um mestre artesão mostra o seu artesanato. Primeiro, o artesão destaca os erros dos seus aprendizes. Segundo, ele mostra aos seus aprendizes uma mesa, por exemplo, que ele mesmo fez e com qual eles podem comparar as suas tentativas imperfeitas. Mas ele só se realizará quando ele consegue deixar os seus aprendizes igual a Ele. Do mesmo modo, Deus na sua justiça nos mostra os nossos pecados. Depois Deus, através de Jesus Cristo, nos mostra uma vida humana perfeita com qual podemos nos comparar. Mas a notícia realmente boa é que Deus, no seu amor, através do Espírito agindo em nós, nos faz igual a Ele, se nós o deixarmos.

Quando ficarmos parecidos com Deus, a nossa salvação será completa. O objetivo da criação (ser a imagem de Deus e entrar numa relação de amor com Ele) será restaurado. O

objetivo da encarnação (Deus se tornou homem para que pudéssemos ficar igual a Deus) será alcançado. O objetivo da redenção (para que Deus e o homem sejam um) será realizado. Viveremos a nova vida da ressurreição no amor eterno. O Espírito Santo de Deus, que é amor, será recebido e nós seremos santificados (nos tornaremos santos).

## História e Estrutura

A maior parte do que escrevi até aqui poderia ter sido escrito por um católico romano ou um cristão ortodoxo oriental. Uma grande parte seria aceitável para um protestante ou um membro da Igreja Reformada. Os anglicanos provavelmente não imaginam que seguem uma forma estranha ou exótica de Cristianismo. Mas um observador do fenômeno anglicano pode perceber algumas ênfases, excentricidades e idiossincrasias, que se misturam com a fé cristã básica para lhe dar um sabor anglicano. É claro que você não precisa aceitar ou gostar de todo o comportamento de uma família para fazer parte dela. Um pouco de história ajudará a explicar o nosso jeito de ser, de entender e identificar nossa comunidade. Se você ler a história da Igreja, provavelmente se divertirá, ou ficará chocado, distraído, instruído, inspirado e desafiado. Uma das ênfases do Anglicanismo está na história. O nosso jeito de ser inclui um grande respeito pelo passado.

Nossa história começa de fato com a Criação, mas foi Cristo quem fundou a Igreja, como conhecemos, para ser o novo Israel. Ele a enviou para proclamar o evangelho e entregou a sua liderança aos apóstolos. No início, a Igreja parecia uma

seita judaica, mas com a ajuda marcante de São Paulo, ela se espalhou rapidamente entre os gentios, que logo ultrapassaram o número de cristãos judeus e se tornaram a maioria na Igreja, como ainda o são. Até o século quatro, quando o imperador Constantino se tornou cristão, o Cristianismo estava sujeito a perseguições periódicas e não recebeu nenhum apoio das autoridades seculares. Os mártires que preferiam morrer a negar a sua fé, deixaram a sua marca inesquecível na vida subsequente da Igreja. Estavam dispostos a morrer pelo amor de Cristo, confiantes de que ressuscitariam com Ele.

A conversão do imperador trouxe o reconhecimento oficial e a tentação de se envolver na política, aparentemente como a consciência do Estado, porém, muitas vezes apenas para legitimar seu *status quo*. Entretanto, a Igreja continuou a se expandir, levando a Boa Nova àqueles que ainda não a tinham ouvido. Para definir a doutrina e decidir sobre a prática da Igreja, os bispos se reuniam em concílios. Os concílios ecumênicos da Igreja unida são extremamente importantes para todos os cristãos católico-romanos, ortodoxos e anglicanos.

As origens do Cristianismo na Grã-Bretanha são tríplices. O Cristianismo foi estabelecido lá, mas tinha pouca influência no período romano. Depois os missionários celtas pregaram o evangelho no norte e Agostinho (de Cantuária) trouxe as Boas Novas de Roma para o sul. Os costumes celtas cederem à dominante forma romana e latina do Cristianismo ocidental.

Enquanto o Cristianismo britânico permaneceu como parte da Igreja no Ocidente, uma expressão bem diferente de Cristianismo estava se realizando no Oriente. Foram o pensamento e a língua gregos e não latinos que dominavam. Com o passar dos séculos, o Leste e o Oeste se separaram, até que Roma

e Constantinopla, representando os ramos ocidental e oriental da Igreja una, santa, católica e apostólica, acabaram com a comunhão entre elas no século XI. Essa divisão infeliz ainda existe, embora muito esforço está sendo investido na reconciliação das igrejas.

A Europa medieval, incluindo a Grã-Bretanha, passou por um florescimento magnífico da cultura cristã. Uma igreja anglicana típica no Canadá, por mais nova que seja, mostra as influências da Idade Média na arquitetura, nos vitrais, nos móveis, nos ornamentos, nas vestes, nos bordados, no estilo de adoração, na música e na teologia.

No século XVI, a Reforma Protestante destruiu a unidade da Igreja ocidental. Sentindo o impacto do Renascimento, a influência dos reformados protestantes na Europa continental e um nacionalismo crescente, a Igreja de Inglaterra começou uma discussão com o Bispo de Roma (o Papa) sobre a jurisdição, que durou mais de quatro séculos de história dividida e independente.

A Igreja da Inglaterra não era uma Igreja nova, que teria sido estabelecida na época da Reforma. A Igreja da Inglaterra era a mesma antiga Igreja que se recusou a aceitar a jurisdição do Bispo de Roma no território inglês. Começou uma série de reformas que pretendiam trazer a vida da Igreja para mais perto das intenções de Cristo e da prática da Igreja primitiva. Os benefícios mais importantes para a Igreja Anglicana foram uma nova tradução da Bíblia, com o incentivo de ser estudada em qualquer lugar, e a criação do Livro de Oração Comum em inglês, cuja linguagem todo o mundo podia entender. A forma antiga de governar a Igreja, por meio do ministério dos bispos, presbíteros e diáconos, foi preservada.

Nessa época, foi estabelecido um princípio que continua sendo uma característica anglicana, isto é, recusar a mu-

dança só por si mesma, mas ter grande respeito pela Tradição. Se houvesse algo na Igreja que fosse claramente corrupto, abusivo ou destrutivo, então uma reforma seria apropriada. Se algo continuasse a ser instrumento de graça, então devia ser preservado entusiasticamente. Aqueles costumes que não eram muito importantes, seriam permitidos, se conseguissem sobreviver. Essa atitude explica algumas curiosidades do Anglicanismo. Por exemplo, o clero ainda se paramenta para os cultos, como se a calça não tivesse sido ainda inventada. Seus paramentos eram nobres, às vezes coloridos, ricos de simbolismos e associações históricas, enfatizando o ministério de Cristo, em vez da personalidade do próprio ministro. Como não há necessidade de reforma, continua mais ou menos a mesma coisa ainda hoje. O respeito pelas conquistas, a sabedoria, os costumes e até certas excentricidades do passado são fortes no Anglicanismo. Como não sabemos se somos mais sábios ou não do que os nossos pais, estamos dispostos a aprender com eles. Essa atitude reverente com respeito à Tradição evitou que o Anglicanismo perdesse muita coisa de grande valor durante os períodos de mudanças drásticas e rápidas.

Separada de Roma, a Igreja da Inglaterra tentou ser uma Igreja católica com forte ênfase na liberdade de consciência, na importância da Bíblia e na fé e ordem tradicionais da Igreja. A Igreja Anglicana também tentou incluir o maior número possível de cristãos, evitando as regulamentações divisoras, que excluam as pessoas desnecessariamente. Os anglicanos conseguiram ser tão inclusivos que muitos outros cristãos têm dificuldades para entender como se pode juntar tantas opiniões e práticas em uma só comunhão. É difícil explicar, mas existe.

A Igreja Anglicana fez a sua parte na grande época de expansão missionária e também estendeu o seu ministério pastoral aos seus membros, onde quer que estivessem instalados

no mundo. O resultado é essa família multirracial, multicultural e multilíngue de igrejas que compõem a Comunhão Anglicana. A Igreja Anglicana do Canadá é um exemplo desses dois lances de expansão. Quase todos os esquimós e uma grande parte dos índios canadenses são anglicanos. Por isso, a voz e a contribuição dos nativos são muito importantes para a vida da Igreja. A primeira celebração eucarística anglicana registrada no Canadá foi em Frobisher Bay, no dia 3 de setembro de 1578. Desde então, a Igreja Anglicana conseguiu a reputação para oferecer os serviços da Igreja às comunidades isoladas em toda essa vasta terra.

Considerando que é impossível entender o Anglicanismo sem contemplar nosso passado, é igualmente impossível ignorar o futuro. Acreditamos que temos um futuro e que o futuro determina nossa direção e nossa forma de ser no presente. Há uma tensão bastante criativa entre essas duas visões válidas do futuro. A visão histórica do futuro se baseia na confiança de que as "portas do inferno" não prevalecerão contra a Igreja, como Cristo prometeu há 2000 anos. A Igreja acredita que vai louvar a Deus e servir o seu povo até o final da história humana. Eu costumava me divertir com a inclusão no Livro de Oração inglês de uma tabela usada para descobrir a data da Páscoa até o ano 2199 por meio de um sistema de números dourados e letras dominicais. Depois de passar por algumas manias e dúvidas, hoje compreendo aquela longa visão do futuro. Quem calcular a data da Páscoa para daqui a dois séculos, não vai se irritar ou quebrar a cara por causa de algumas dificuldades temporárias. Os anglicanos têm uma lealdade não só para com as gerações do passado, mas também para com as gerações do futuro.

A outra visão do futuro é bem diferente. A escatologia se refere às últimas coisas. Acreditamos que vamos até Deus, como também viemos dele, pois Ele é o Alpha e o Ômega, o princípio e o fim. Isso dá uma dimensão mística ao presente que, junto com o passado e o futuro, é visto da perspectiva da eternidade. A

escatologia muitas vezes é expressa por meio de uma linguagem visual e poética. Às vezes, parece que a escatologia fala de um dramático final do mundo, que vem de maneira inesperada, mas com aviso prévio. Tenha cuidado com as interpretações literais dos detalhes sombrios ou das tentativas de colocar a escatologia na linha do tempo. Em nossa opinião, o futuro não é um futuro sem fim, sem sentido, e nem cíclico. O futuro tem uma direção, que é determinada pelo objetivo do amor de Deus. Há um senso de que a incerteza sobre quando ou como tudo vai acabar traz a cada dia uma importância emocionante. A confiança de que "no fim há Deus" elimina qualquer medo das últimas coisas. Se você ficou desmotivado ou confuso com a escatologia, deixe-me dizer que poucas pessoas dizem que entendem esse ramo da teologia.

Uma das antigas tradições enfatizadas pelo jeito anglicano de ser é a observância do ano cristão. Uma maneira católica de experimentar o evangelho plenamente é organizar o louvor e o ensino, seguindo um calendário anual. A cada momento, você poderá descobrir que alguns aspectos do Cristianismo lhe atraem mais do que outros. Algumas verdades importantes seriam totalmente ignoradas, se não fossem colocadas em nossa frente regularmente. Através da seqüência das estações ou quadras, cada uma com sua ênfase especial, a fé é apresentada num ciclo anglicano chamado Ano Cristão.

O nascimento de Cristo, sua morte e ressurreição e a vinda do Espírito Santo são celebrados nas épocas importantes do Natal, da Páscoa e Pentecostes. Antes e depois dessas festas, existe uma seqüência maravilhosa de ensinamentos, com excelentes oportunidades, por meio dos sacramentos e da adoração, para sentir a verdade que está sendo ensinada. Claro que o ensino é quase um produto secundário. O objetivo das estações é litúrgico, para ajudar na adoração. Quando realizamos nosso objetivo principal, que é glorificar a Deus, conseguimos realizar

mais efetivamente nosso objetivo secundário, que é edificar as pessoas.

A melhor maneira de entrar no clima do Ano Cristão é ir à Igreja todos os domingos durante o ano, e também na Quarta-feira de Cinzas, na Sexta-feira da Paixão, no Dia da Ascensão, e em alguns dias santos, para lembrar que existem grandes exemplos de vida para nos encorajar. Essa experiência do ano eclesial traz vida às coletas, epístolas e evangelhos encontrados no Livro de Oração Comum para todos os domingos e dias santos. (A página 13 do Livro de Oração Comum explica como o Ano Cristão é organizado).

Os anglicanos apoiam uma religião organizada. O nosso jeito de ser é reconhecer a necessidade de que o Cristianismo e a Igreja precisam ser organizados. Focalizamos a nossa organização nos bispos. Por isso, alguns ramos da Comunhão Anglicana usam a palavra *episcopal* em vez de *anglicana* no seu nome oficial.

Na primeira geração da Igreja cristã, não havia necessidade imediata dos evangelhos escritos, nem de organização formal. Mas para que a missão e a mensagem de Deus em Cristo pudessem ser compartilhadas fielmente através das gerações, houve a necessidade da existência das Escrituras e de instituições confiáveis e reconhecidas para pregar o evangelho, administrar os sacramentos e cuidar da Igreja. Os bispos foram os sucessores dos apóstolos e eles ainda conservam e exercem esse ministério apostólico. Eles são os responsáveis pela doutrina, pelos sacramentos e pela disciplina de Cristo.

Os bispos só podem ser consagrados (ordenados) por outros bispos, embora possam ser escolhidos por meio de uma eleição em concílio diocesano, ou escolhidos de outras maneiras. Para salvaguardar a continuidade e ter a certeza de que o candidato é apropriado, pelo menos três bispos devem parti-

cipar da consagração de um novo bispo. Os bispos devidamente consagrados são considerados partes da sucessão apostólica e do episcopado histórico.

Os bispos atendem uma área geográfica chamada a "diocese" e compartilham o ministério dessa diocese com os presbíteros e diáconos que ordenam. Todo o cristão batizado na diocese também tem o seu ministério e compartilha do louvor, do testemunho e do serviço da Igreja. Temos um sistema de concílios em que leigos, clérigos e bispos oram, consultam e planejam pelo bem da Igreja e criam as poucas leis necessárias para o nosso bem estar.

Algumas pessoas acham estranho que tenhamos um sistema aparentemente democrático de governo por meio de concílios e, ao mesmo tempo, um sistema aparentemente não democrático de controle pelos bispos. É uma questão complexa, mas duas dicas ajudam a entender isso melhor. Em primeiro lugar, o objetivo de ambos os sistemas é responder ao chamado e à orientação de Deus de obedecê-lo e de servir ao seu povo. Nosso objetivo é teocrático. Se o acertamos, não haverá conflitos. Em segundo lugar, considerando que o objetivo da organização é o amor, e o amor não consegue viver sem liberdade, a liberdade é preservada e incentivada pelos dois sistemas que, na prática, apoiam e enriquecem um ao outro. Como muitas outras coisas no Anglicanismo, nosso governo pode aparecer estranho na teoria, mas funciona na prática.

A unidade básica da Igreja Anglicana é a diocese. As dioceses estão ligadas umas às outras e também com o resto da Igreja mundial por meio das províncias. No Canadá, há quatro províncias eclesiais, formadas por 30 dioceses, que compõem a igreja nacional, com um sínodo geral liderado por um arcebispo chamado o primaz. O sínodo geral e os sínodos provinciais têm poderes legislativos.

Em parte, por causa da contínua discordância com Roma sobre a natureza e extensão da autoridade papal e, em parte, porque acreditamos que é melhor incentivar ao máximo a liberdade para responder à orientação do Espírito, não existe uma autoridade jurídica central na Comunhão Anglicana. Conseguimos a união e incentivamos a cooperação por meio de intercâmbios e consultas fraternais, como a Conferência de Lambeth e o Conselho Consultivo Anglicano.

Voltando à diocese, você vai perceber que ela é dividida em paróquias. A paróquia é apenas uma parte da diocese e é incompleta sem ela. Por exemplo, nem todos os sete sacramentos podem ser administrados sem a presença de um bispo. Uma congregação, que louva, testemunha e serve, constitui o centro ativo da Igreja. A congregação é a linha de frente, onde se desenvolve toda a ação, mas sempre alimentada pela Igreja maior, que deve apoiar. Por isso, a liberdade de ser da Igreja, de maneira efetiva numa localidade específica, é encorajada. Entretanto, o que chamamos de congregacionalismo ou paroquialismo, que ignora ou enfraqueça a família maior, é evitado.

Normalmente, a paróquia é atendida por um pároco nomeado pelo bispo. No Canadá, o pároco geralmente é chamado de reitor, e a paróquia geralmente tem voz na escolha de um novo reitor. Normalmente, o reitor nomeia um dos paroquianos para ser o guardião e os paroquianos elegem outro guardião. Os dois guardiães e o reitor têm bastante poder e liberdade para exercer sua responsabilidade em favor da liderança e manutenção da vida paroquial. Normalmente, são apoiados e aconselhados pela junta paroquial, eleita pela assembléia anual de todos os paroquianos. Na assembléia anual, são organizadas as eleições, adota-se um orçamento e são discutidas políticas e programas importantes. A semelhança da diocese, a paróquia

procura usar métodos democráticos e hierárquicas no processo de tomada de decisões.

Apoiados pelas paróquias e dioceses, existem muitos ministérios e programas especiais na Igreja Anglicana. Hospitais, universidades, escolas, trabalho missionário, serviço e ação social, assistência e desenvolvimento mundial são apenas algumas das áreas em que a Igreja emprega pessoas remuneradas e também voluntárias. Importantes também são as ordens religiosas de monges e freiras e o Exército da Igreja (Church Army), que fazem trabalhos sociais, pastorais e de evangelização. Muitas tarefas se realizam melhor com a cooperação de outras denominações. Existe uma lista infinita de grupos de cooperação ecumênica. Você pode se envolver efetivamente em muitos diferentes tipos de serviço ao povo de Deus e ao mundo, sendo um membro do Corpo de Cristo.

Outro aspecto do nosso jeito de ser anglicano é o uso de muitos termos antigos. Isso é compreensível, considerando a idade da Igreja. As vezes, é difícil encontrar palavras novas e diferentes para expressar verdades antigas e permanentes. Não se preocupe ao encontrar, depois de seis meses ou um ano, termos estranhos ou arcaicos, que não significam nada para você. Se você não conseguir controlar sua curiosidade, então descubra o sentido dessas palavras. Os melhores recursos são um bom dicionário, o seu pároco (que provavelmente adora explicar a linguagem) e *A Concise Dictionary of Ecclesiastical Terms* por F.L. Eckel (ou um equivalente em português).

## Autoridade

Os ensinamentos e a prática da Igreja Anglicana são totalmente seguros. São confiáveis, porque estão baseados firmemente nas Escrituras, na Tradição e na razão. À semelhança das três fontes de água viva, as três fontes de autoridade são essenciais. As Escrituras, a Tradição e a razão não se excluem uma da outra, mas uma depende das outras duas. A probabilidade de errar em nossa compreensão aumenta incrivelmente quando dependemos de apenas uma fonte. Por exemplo, se você ignorar a Tradição e não usar a razão, quando ler a Bíblia, poderá encontrar muita superstição, em vez da verdadeira religião.

As Escrituras são extremamente importantes, porque relatam o encontro histórico entre Deus e as pessoas. Embora as Escrituras sejam autoridade na Igreja Anglicana, baseamos nosso ensinamento e prática não nas passagens isoladas, mas na Bíblia como um todo. A Bíblia não existiria se a Igreja não a tivesse organizado. A Igreja decidiu quais escritos eram autoridade e os incluiu no que chamamos de Cânone das Escrituras. A Igreja então preservou e transmitiu em geração de geração as Escrituras. O valor das Escrituras, porém, não é o valor que a Igreja lhe atribuiu, mas o que a Igreja viu e encontrou nelas. Então a Igreja, ao receber as Escrituras, as reconhece como um dom de Deus. A Igreja Anglicana só considera necessário para a salvação aquilo que pode ser provado claramente pela Bíblia.

A palavra *Tradição* tem dois significados distintos: aquilo que é “revelado, entregue, dado” e aquilo que é “transmitido”. O primeiro significado se refere à revelação de Deus aos profetas e apóstolos e por meio deles. Neste sentido, a Tradição é fixa e encontrada nas Escrituras, que contém a Palavra de Deus revelada, e é também a base dos sacramentos e dos credos. A missão

da Igreja é preservar esse depósito original da Tradição e transmiti-lo à comunidade viva da Igreja, de maneira que possa ser aceito, experimentado e compreendido.

O segundo significado de Tradição, transmitida de geração em geração, se refere à sabedoria acumulada durante vinte séculos de vida cristã. As introspeções e experiências de nossos antepassados, com seus sucessos e fracassos, formam um grande tesouro do qual podemos tirar grande proveito. Frequentemente, as introspeções nos oferecem interpretações da Tradição que nos foram transmitidas. A Igreja, com sua longa experiência, nos ajuda a receber o depósito original e a entendê-lo. A Tradição viva também transmite outras introspeções. Temos que ser coerentes com a revelação de Deus nas Escrituras e em Cristo, mas também devemos estar preparados para aprender da orientação do Espírito Santo ao longo dos séculos e hoje. Muitas tradições nossas são coisas que aprendemos desde o primeiro século. Essa tradição é tão abrangente que em cada época algumas partes são enfatizadas e outras quase esquecidas. Às vezes, parecemos uma casa grande com um grande sótão, no qual guardamos uma variedade de coisas que poderão ser úteis algum dia.

Algumas tradições são mais importantes do que outras. A doutrina da Trindade é um exemplo de uma tradição essencial. A doutrina não foi definida antes do Concílio de Nicéia, em 325 da era cristã. Ela foi definida mais precisamente no Concílio de Constantinopla, em 381. A maneira em que recebemos essa doutrina foi influenciada por Santo Agostinho, no início do século V, mas foi mais claramente definida por São Tomás de Aquino, no século XIII. Hoje os teólogos lutam para encontrar uma maneira contemporânea de falar sobre Deus. Por mais usado e original que seja o estudioso, a Igreja sempre insistirá que as novas introspeções e expressões de estudo reconheçam a revelação própria de Deus como a única, santa e inseparável Trindade.

de, para que possam fazer parte dos ensinamentos da Igreja. Esse é um caso em que a revelação original é protegida e proclamada pela tradição viva.

Temos muito mais liberdade com tradições como o sacramento da Confirmação, por exemplo, que tem sido usado de diferentes maneiras através dos séculos, tanto no leste como no oeste. Como isso é feito é uma questão de disciplina da Igreja orientada pela tradição, procurando descobrir a maneira mais efetiva de receber a graça divina na situação contemporânea.

Maior liberdade pode ser usada com outras tradições. No caso de nossa tradição musical, é permitido uma grande variedade de usos. Não é que a música não seja importante. Assim como a poesia nos transporta para além da prosa, assim também a música nos transporta para além das palavras durante o louvor. A música enriquece e ilumina a nossa liturgia. Geralmente, o ponto de vista anglicano é que, como o louvor é oferecido a Deus, toda a nossa música deve ser a melhor que temos para oferecer. Como o louvor é a oferta do povo, o estilo musical vai variar de acordo com cada congregação. Os anglicanos têm uma tradição de música sacra da qual têm um grande orgulho. Para chegarmos a esse tipo de tradição, as questões de autoridade não têm muita importância.

Resumindo, para sentirmos confiança na interpretação daquilo que foi entregue, dependemos da compreensão que foi transmitida de geração em geração pela Igreja viva. Vivemos vidas mais ricas porque a tradição cresce. Se respondermos ao Espírito Santo no mundo de hoje, estaremos contribuindo em favor da tradição, que será recebida pela Igreja de amanhã. Embora somos gratos pelas novas introspeções, elas sempre serão julgadas pela revelação normativa de Deus em Cristo.

A fonte de autoridade, que é a razão, é importante para toda a humanidade. Há pessoas que tentam colocar a razão e a

religião em lados opostos. Existem até grupos cristãos que incentivam esse conflito, desorientando as pessoas e adotando uma posição fortemente anti-intelectual. Quando menino, Jesus aprendeu na lei de Moisés e nas Escrituras que devia amar a Deus com todas as suas faculdades, incluindo a mente. Nos seus ensinamentos como homem, Jesus repetiu o mandamento de amar a Deus com toda a nossa mente. Damos graças a Deus pelo dom da razão, e somos orientados a usá-lo. Notemos que a razão é vista no mandamento como uma expressão de amor a Deus.

Espera-se que usemos nosso senso comum e nossas faculdades críticas, quando estudamos as Escrituras e recebemos a Tradição. Espera-se também que sejamos bastante justos para poder examinar as evidências das Escrituras e da Tradição. Um racionalista que despreza o valor da experiência de milhões de seus contemporâneos e antepassados, não está sendo justo, mas arrogante. Devemos então ser honestos, estar abertos à verdade e dispostos a trabalhar bastante mentalmente. Nem todos os cristãos são obrigados a realizar pesquisas técnicas e teológicas. Mas assim como a Igreja respeita e incentiva o uso da consciência individual, assim também a Igreja reverencia e nos pede para usarmos o nosso intelecto. Como não somos indivíduos isolados, mas pessoas que pertencem a uma comunidade, exercemos a razão em diálogo com outros seres racionais. Como acreditamos que Deus é a fonte de toda a verdade e que procura se revelar a nós, a Igreja não tem nada a temer e muito a ganhar com o uso da razão.

Quando compreendemos que o nosso jeito de ser está baseado na Bíblia, na Tradição e na razão, podemos caminhar de maneira mais confiante. Quando de fato experimentamos a Igreja como agente do Deus vivo, podemos caminhar com uma confiança cósmica. O jeito de ser anglicano é marcado pelo respeito ao passado, pela confiança no presente e pela abertura para o futuro. Enraizada nas Escrituras, na Tradição e

na razão, a principal autoridade da Igreja é a autoridade divina, compartilhada por todas as outras comunhões cristãs.

## *Passos Básicos*

Este livro é um livro para “imigrantes” e não para “turistas.” Espero que você viva na comunidade da Igreja e não seja apenas um simples espectador dela. Se você se considera uma pessoa inserida na sua comunidade, gostaria de sugerir alguns passos básicos:

1. Adquira uma Bíblia, um Livro de Oração Comum e frequente uma paróquia imediatamente. Faça isso regularmente.
2. Assim que estiver pronto para assumir um compromisso, diga a Jesus que você quer segui-lo e quer que Ele seja o Senhor de sua vida.
3. Se ainda não foi batizado e confirmado, procure o seu pároco e diga a ele que você quer se preparar para receber esses sacramentos. Assim poderá usar livremente as três fontes de água viva: a Bíblia, a Oração e os Sacramentos.
4. O discipulado tem um alto preço. Esteja preparado para mudanças e sacrifícios.
5. Seja ativo em algum serviço para a Igreja e ao próximo.
6. Leve a sério o seu cristianismo. Trabalhe bastante por ele. Mas não seja sério demais. Deus tem um certo senso de humor. Há uns trinta anos, meu pároco me disse que se a religião fizesse de mim um homem triste, então eu devia desistir dela. Acho que foi um conselho sábio, porque o Anglicanismo não nos torna tristes.
7. Peça a seu pároco ou a outro cristão mais experiente para ser o seu guia e conselheiro espiritual.
8. Não espere se sentir possuído por um grande entusiasmo durante todo o tempo. Numa viagem até a eternidade, é

inevitável que você passe por tempos monótonos e tranquilos, tumultuosos ou animadores. Que Deus o abençoe em seu caminho.

## Leituras Sugeridas

1. Eckel, Frederick L. Jr. *A Concise Dictionary of Ecclesiastical Terms*, New York, Abingdom Press, 1960.
2. Neil, William, *One Volume Bible Commentary*, Toronto, Hodder and Stoughton, 1978.
3. Neil, Stephen, *Anglicanism*, London, Mowbrays, 1977. Há uma edição em espanhol *El Anglinanismo*, publicada pela Iglesia Española Reformada Episcopal, Madrid, 1986.

<sup>1</sup> Fazem parte da Comunhão Anglicana as seguintes igrejas: Igreja de Inglaterra, Igreja do País de Gales, Igreja Episcopal da Escócia, Igreja da Irlanda, Igreja Anglicana da Austrália, Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, Igreja da Província de Burma, Igreja Anglicana do Canadá, Igreja da Província da África Central, Igreja Anglicana do Ceylon, Igreja Santa e Católica da China, Igreja Episcopal de Cuba, Concílio da Igreja da Ásia Oriental, Igreja da Província do Oceano Indiano, Igreja Santa e Católica do Japão, Igreja Episcopal de Jerusalém e Oriente Médio, Igreja da Província de Quênia, Igreja da Província de Melanésia, Igreja da Província da Nova Zelândia, Igreja da Província de Papua Nova Guiné, Igreja da Província da África do Sul, Conselho Anglicano da América do Sul, Igreja Anglicana do Pacífico Sul, Igreja Episcopal do Sudão, Igreja da Província de Tanzânia, Igreja da Província de Uganda, Ruanda, Burundi e Boga-Zaire, Igreja Episcopal dos Estados Unidos da América, Igreja da Província da África Ocidental, Igreja da Província do Caribe, e também as Dioceses Anglicanas na Europa, Tasmânia, Hong Kong e Macau, Gibraltar, Bermuda, Malásia, Coreia, Taiwan, Filipinas e Libéria.

<sup>2</sup> Em muitas dioceses e paróquias, os membros da Igreja não recebem a Santa Comunhão antes de sua Confirmação. Mas como o batismo é a iniciação completa e definitiva do cristão na Igreja (a comunidade eucarística), outras partes da nossa Comunhão Anglicana decidiram admitir as pessoas, inclusive crianças pequenas, à comunhão antes da Confirmação. Isso é feito com a aprovação do bispo, desde que as pessoas que participam na comunhão sejam batizadas e façam uma simples afirmação de fé, sendo orientadas no sentido e na prática de receber a Santa Comunhão. Quando as pessoas, que já comungam, desejam ser confirmadas, isso é visto muito claramente como um ato de compromisso e um sacramento do Espírito, capacitando o crente para o serviço da Igreja no mundo.

<sup>3</sup> Nossa linguagem sobre Deus não pretende lhe atribuir masculinidade ou sexualidade. É claro que a nossa experiência de exigência absoluta está relacionada com o símbolo do pai e com o que alguns psicólogos chamam de amor paterno. O supremo socorro está relacionado com a mãe e com o amor materno. Mesmo em termos humanos, esta distinção é artificial, porque tanto os homens como as mulheres precisam experimentar e expressar as duas formas de amor. Com relação a Deus, o amor é maternal e paternal, transcendendo a distinção sexual. Nem Deus e nem a boa teologia são machistas.

---